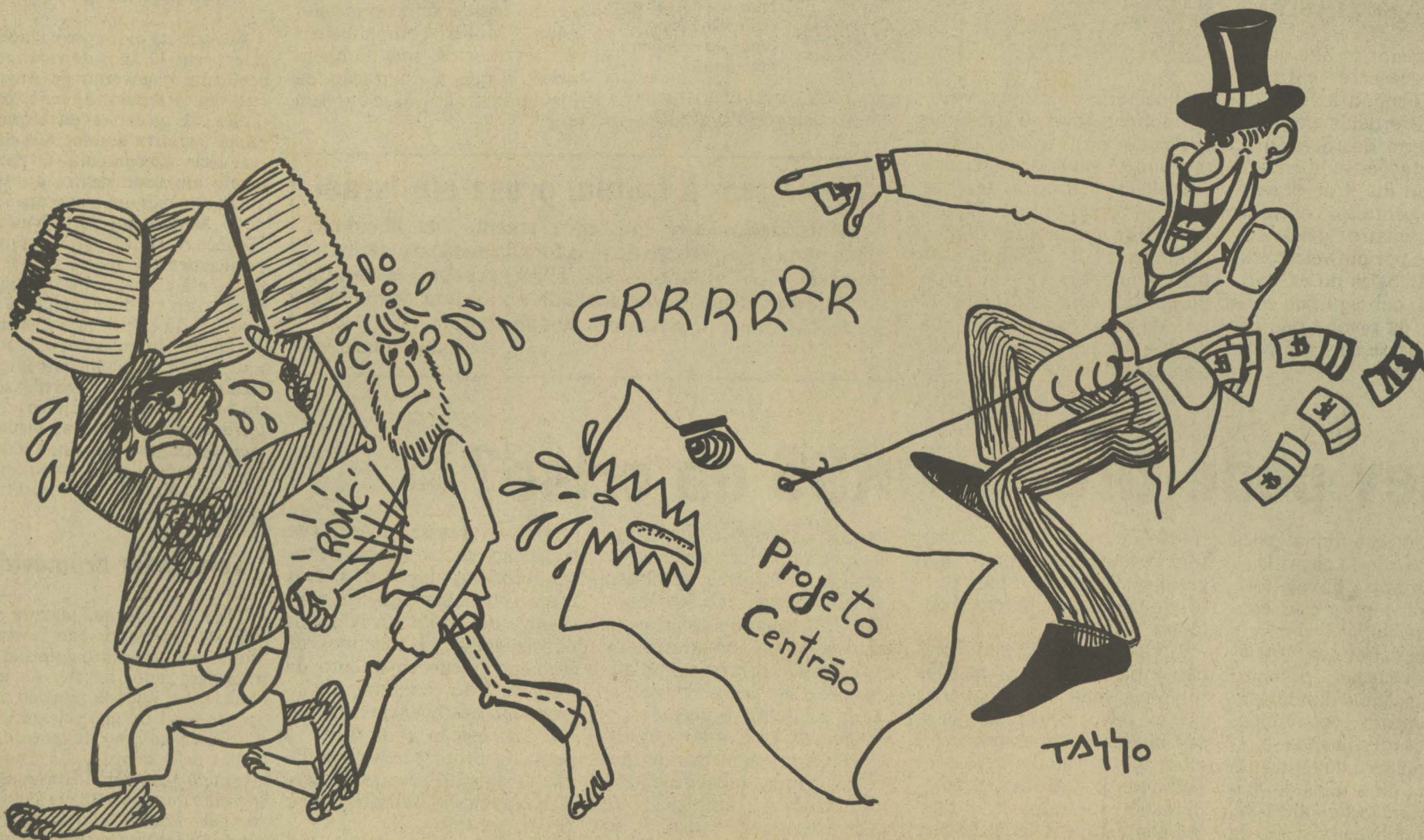


Centrão bombardeia direitos dos trabalhadores



A "Tribuna Operária" analisa em detalhes as emendas que os líderes do grupo preparam-se para apresentar à Constituinte. Redigidas sob inspiração direta dos lobbies dos grandes empresários, da UDR e das multinacionais, elas representam um sério golpe contra os direitos sociais. Mas não só. Fica nítido o desejo de abrir ainda mais o país ao capital estrangeiro e de eliminar conquistas democráticas importantes. Pág. 3.

EDITORIAL

De mentirinha

Nos últimos dias de dezembro, brasileiras e brasileiros menos avisados chegaram a imaginar uma notícia alvissareira, que poderia, de fato, concretizar os votos de feliz ano novo que todos se desejam nessa época do ano. José Sarney declarava de público que "o Brasil não pode ficar na mão de agiotas, agitadores e demagogos".

Então o governo, finalmente, se disporia a dizer não aos banqueiros internacionais e repudiá-los o FMI? O Planalto se colocaria abertamente contra o "centrão" — na verdade "direitão" — que alardeia aos quatro ventos o combate aos direitos mais elementares dos trabalhadores e o enterro completo da reforma agrária? Finalmente, o presidente reconhecia que é hora de deixar o trono e entregar ao povo o direito de eleger um governante? Um presentão de Natal para o país!

Mas era ilusão. Após o discurso, Mailson substituiu Bresser e logo declarou a intenção de fazer "um bom acordo" com os agiotas do FMI. Cardoso Alves, José Lourenço, Ricardo Fiúza e outros agitadores e provocadores, junto com o líder do governo Carlos Santana, impuseram novas regras do jogo — de caráter antidemocrático — na Constituinte, e articulam-se para levar o "centrão" adiante na batalha para forjar uma nova Carta Magna antipovo e antinacional. Para completar, o presidente continua repetindo, através dos meios de comunicação, que faz "tudo pelo social". E, apesar de inteiramente isolado, ainda tenta ficar cinco anos em Brasília. A agiotagem, a agitação provocadora e a demagogia continuam, portanto. O discurso devia ser de mentirinha. Só a ação enérgica do povo pode livrar o Brasil destas pragas.

Passadas as boas férias natalinas, voltando da ilha de Curupú — brasileiras e brasileiros por todo lado sonhavam que talvez ele ficasse por lá em paz, e

nos deixasse também em paz — o discurso já foi outro. "Governarei com os amigos, prestigiando os que me prestigiam", disse Sarney, revelando o que aliás já vem fazendo há muito tempo. E mostrando como é importante, além da luta por eleições urgentemente neste ano, a batalha para pôr fim ao presidencialismo — sistema que traz intrinsecamente o governo das panelinhas, dos amigos, contra a vontade da maioria. E do qual Sarney usa e abusa, elevando o fisiologismo a níveis inéditos.

Com isto, o novo ano começa com todos os velhos problemas, agravados. E enquanto a crise política se aprofunda, no terreno econômico nem se fala. A tal ponto que algumas autoridades, com a voz mais cândida, chegam a dizer que a inflação está pelo menos estabilizada... em torno de uns 15% ao mês!

Não se pode portanto, esperar nada do governo. O esforço é para mudá-lo o quanto antes, através do voto, e com o sistema parlamentarista. Da Constituinte, esperando passivamente, também não se terá nada. Mas aí a luta ainda não terminou. A direita se articulou e ameaça liquidar tudo de progressista e democrático que até agora foi alcançado. Entretanto, é sabido que a pressão popular pode forçar uma mudança razoável no comportamento do plenário. Nesta reta final, apesar de um regimento desfavorável, o que vai decidir é a mobilização de massas exigindo dos constituintes as mudanças prometidas na campanha eleitoral.

O ano de 88 não promete tranquilidade. Pelo contrário, todos os sintomas de um agravamento dos embates de classes estão presentes. Ao reiniciarmos nossa atividade no jornal, só podemos desejar aos leitores muita organização, unidade e êxito nas lutas. E prometer o maior empenho em colocar a TO à altura do movimento operário e popular.

A inflação dispara e os salários despencam

A inflação bateu o recorde da história econômica do país em 1987, chegando a 365,9%. Porém este ano pode ser pior. Pág. 8.

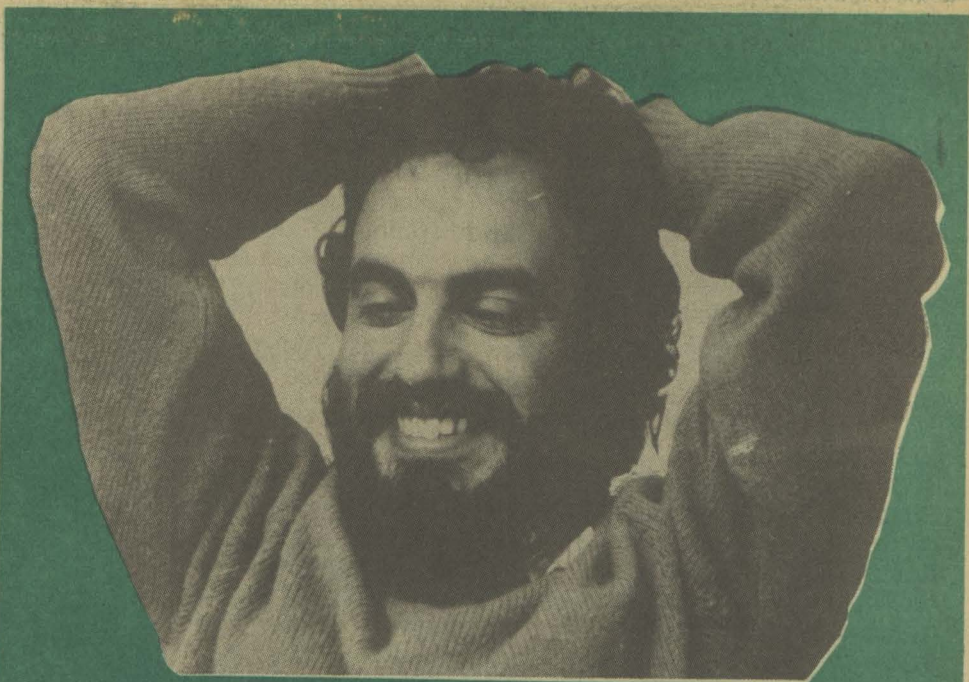
Garimpeiros vítimas de selvageria em Serra Pelada

Fontes oficiais garatem: a PM promoveu massacre contra uma manifestação pacífica e esconde corpos de trabalhadores. Pág. 8

Povo palestino se levanta contra o ocupante sionista

Conselho de Segurança da ONU condena repressão dos israelenses na Cisjordânia e faixa de Gaza.

Página 2.



O Brasil chora a morte do Henfil

A trajetória de um artista comprometido com o povo. Pág. 7.

Caro leitor:

Não caberia aqui alinhar a lista interminável de itens do processo de produção da Tribuna Operária que sofreram aumentos significativos neste último período. Você, leitor amigo, melhor do que ninguém tem consciência da velocidade com que os aumentos estão ocorrendo, e compreende que eles também afetam o nosso jornal. O preço de capa passa para Cz\$ 25,00. Continuamos contando com a sua colaboração e apoio.

O que promete a "perestroika" de Gorbachev

O senhor Gorbachev reconhece a grave crise da URSS. Mas poderá solucioná-la? Pág. 2.

CDM

Centro de Documentação e Informação
Fundação Maurício Gruber

PALESTINA

Revolta contra ocupação sionista

Em quase um mês de manifestações contra as tropas israelenses nos territórios ocupados da faixa de Gaza e Cisjordânia já morreram 25 palestinos. A repressão indiscriminada do exército sionista aumentou ainda mais a revolta da população e gerou uma onda de protestos em todo o mundo. O ministro adjunto das Relações Exteriores da Inglaterra, David Mellor, durante visita que fez a Israel teceu severas críticas contra a atitude israelense, acrescentando que é “uma afronta aos valores civilizados” as condições em que vivem os palestinos nas áreas ocupadas.

A população enfrenta heroicamente — armadas apenas com pedras — as mortíferas armas do ocupante. Na cidade de Bir Zeit, na Cisjordânia, a universidade com o mesmo nome e freqüentada por palestinos, foi declarada “zona liberada” depois que os manifestantes expulsaram as forças israelenses. As tropas que cercam a cidade não puderam impedir que a bandeira da OLP fosse hasteada em Bir Zeit. Líderes palestinos dos territórios ocupados propuseram uma

campanha de desobediência civil para forçar o fim da ocupação sionista.

Paralelamente a este massacre em Gaza e Cisjordânia, Israel continua com seus métodos ataques de aviação contra os acampamentos de refugiados no Líbano, matando indiscriminadamente mulheres e crianças. Na última destas investidas foram bombardeados acampamentos palestinos e drusos em Ein El-Hilweh, Jiye, Damour, Awali e Barja, deixando um saldo de 19 mortos e 14 feridos.

REVOLTA SE ALASTRA

Esta é a maior revolta que o governo israelense enfrenta desde que ocupou a faixa de Gaza e a Cisjordânia em 1967, após a Guerra dos Seis Dias. As manifestações se iniciaram em Gaza no dia 9 de dezembro, num protesto contra a morte de quatro palestinos atropelados por um veículo do exército. As balas do exército sionista não conseguiram conter o furor da revolta que em pouco tempo se alastrou para a Cisjordânia.



Menino morto pelo bombardeio israelense no Líbano e uma mãe tenta libertar seu filho das forças da repressão: duas cenas do cotidiano palestino

Uma série de críticas desabou sobre o governo israelense por causa das medidas de repressão. O ministro inglês David Mellor visitou a faixa de Gaza — onde vivem 600 mil palestinos numa área de 40 quilômetros de comprimento por sete de largura — e ficou indignado com as condições de vida daquele povo. “É uma pena — comentou — que o dinheiro esteja fluindo desta

área para o tesouro israelense sem ser reinvestido aqui”.

Mensagem à Lamia, presa em Israel

Lamia, todos nós, brasileiros amantes da liberdade, alimentamos a esperança de vê-la fora da prisão o mais breve possível. Ao alvorecer de 1988, receba, estimada compatriota, a nossa solidariedade e a certeza de que nos empenharemos por alcançar a sua libertação.

João Amazonas

PERESTROIKA

Gorbachev pode tirar a URSS da crise?

O que nos promete a *perestroika*, o movimento deflagrado pelo líder do PCUS, Mikhail Gorbachev? Será algo capaz de retirar a União Soviética da grave crise em que está hoje afogada, reconduzindo-a ao caminho do desenvolvimento socialista, como propalam os dirigentes soviéticos? Ou estamos diante de uma nova e revigorada ofensiva orientada no sentido de consolidar e aprofundar ainda mais a restauração do capitalismo naquele país?

Ouçamos primeiro o próprio Gorbachev falar sobre a crise da União Soviética. Em seu livro, “*Perestroika*, novas idéias para o meu país e o mundo”, ele assegura: “Num certo momento, e isto ficou bastante claro na segunda metade dos anos 70, aconteceu algo que à primeira vista parecia inexplicável: o país começou a perder impulso.”

“Os insucessos econômicos eram mais frequentes, as dificuldades começaram a se acumular e deteriorar, e os problemas não solucionados multiplicaram-se. Começaram a aparecer na vida social elementos do que chamamos de estagnação e outros fenômenos estranhos ao socialismo. Formou-se uma espécie de freio que afetou o desenvolvimento sócio-econômico. E tu-

do isso aconteceu numa época em que a revolução científica e tecnológica abria novos horizontes para o progresso econômico e social”.

Gorbachev continua: “Analisando a situação, primeiro descobrimos uma diminuição do crescimento econômico. Nos últimos quinze anos, a taxa de crescimento da renda nacional caiu para mais da metade e, no início dos anos 80, chegara a um nível próximo da estagnação econômica. Um país que antes estivera alcançando rapidamente as nações mais avançadas do mundo, agora começava a perder posição. Além disso, o hiato existente na eficiência da produção, na qualidade dos produtos, no desenvolvimento científico ou tecnológico, na geração da tecnologia avançada e em seu uso começou a se alargar, e não a nosso favor” (...) “Porção considerável da riqueza nacional transformouse em capital ocioso”.

BUSCA DO LUCRO

Tais condições conduziram a uma dramática degenerescência social. Nas palavras do líder soviético “começou a decadência da moral pública: o forte sentimento de solidariedade forjado durante os tempos heróicos da revolução, dos primeiros planos quinquenais, da Grande Guerra Patriótica e da reabilitação pós-guerra estava enfraquecendo. O alcoolismo, o consumo de drogas e o crime aumentavam. A pene-

tração de estereótipos da cultura de massa estranha à nossa gerou vulgaridade e mau gosto, aumentando a acidez ideológica”.

“A perplexidade e indignação jorravam (...) as pessoas honestas viam com amargura que o povo estava perdendo seu interesse nos assuntos sociais, que o trabalho não mais possuía seu status de respeitabilidade, que o povo, principalmente os jovens, perseguiram o lucro a qualquer custo”. E conclui: “Em seu todo, a sociedade estava ficando cada vez mais ingovernável”.

Que caminho teria sido trilhado pela União Soviética nas últimas décadas para chegar a tal situação? Na opinião do senhor Gorbachev “a experiência histórica tem demonstrado que a sociedade socialista não está segura contra o aparecimento e acumulação de tendências paralisadoras e, mesmo, contra crises sócio-políticas sérias”.

Ao contrário do que afirma, a experiência histórica não tem demonstrado que na sociedade socialista é normal “o aparecimento e acumulação de tendências paralisadoras e, mesmo, crises sócio-políticas sérias”. Abstraídas as consequências excepcionais da Segunda Guerra, todo o período de construção do socialismo na União Soviética foi marcado por um crescimento contínuo, ininterrupto, da produção industrial. Décadas de história da Albânia Socialista também comprovam até hoje que o novo sistema assegura o desenvolvimento sem interrupção da economia, sendo uma de suas leis a reprodução sempre ampliada do produto econômico.

REFORMAS CAPITALISTAS

A crise da União Soviética é de fato estranha, mesmo inconcebível, ao socialismo. É típica de um país capitalista. Atente-se para as datas em que

fenômenos como os da estagnação econômica tornaram-se patentes, conforme admite o senhor Gorbachev: os “anos 70 e 80”, quando já estavam razoavelmente amadurecidos os frutos das reformas implantadas nos governos revisionistas de Kruschov e Brejnev.

Não custa recordar que essas reformas significaram, em termos gerais, precisamente a reintrodução e ampliação de mecanismos característicos do sistema capitalista na economia soviética, alargando o campo de atuação da circulação mercantil, do mercado e da concorrência capitalista. Este foi o conteúdo da descentralização econômica, da venda das Estações de Máquinas e Tratores às cooperativas rurais, incentivo ao crescimento das disparidades salariais e dos privilégios da burocracia, concessão de maior autonomia e poderes aos diretores de empresas, bem como a abertura do país ao capital estrangeiro. O próprio Gorbachev confessa que o atual atraso tecnológico da URSS é em parte devido à forma com que nas últimas décadas o país se integrou ao sistema capitalista internacional. “Nós nos encontramos tecnologicamente nessa situação por termos substituído nosso potencial científico e por termos confiado demais em vínculos externos”, disse. E acrescentou: “Até mesmo suspendermos algumas pesquisas e aperfeiçoamentos tecnológicos, contando com a divisão internacional de trabalho e pensando ser mais vantajoso comprar algumas máquinas do que fabricá-las em casa”.

JOINT VENTURES

Como diz o líder revisionista, as reformas compreendidas na “*perestroika*” tem por finalidade a “expansão da autogestão”, “ampliação considerável da independência das

empresas e associações, sua transição para o sistema de total autocomputação de custos e autofinanciamento e a concessão de todos os direitos apropriados aos coletivos de trabalho”, encorajamento da “competição econômica”, introdução das falências. E, ainda, legalização e incentivo à pequena propriedade, instalação de novas empresas associadas com capital estrangeiro (*joint ventures*).

Enfim, medidas de caráter visivelmente capitalistas que, avaliadas do ponto de vista histórico são reacionárias e cujo principal efeito talvez seja o de melhor adequar o conteúdo capitalista da atual sociedade soviética à forma que reveste o seu processo de produção. Até a década de 50 a URSS construiu uma formidável base econômica por meio do combate sistemático ao modo e às relações de produção capitalistas, implantando em toda a economia o regime socialista. Não há outra designação cabível senão a de retrocesso para caracterizar as reformas levadas a efeito pelos revisionistas.

Com muita desfaçatez, Gorbachev delicia-se em fazer comparação da *perestroika* com as medidas adotadas por Lenin no período da NEP. A NEP se deu numa época em que o proletariado chegou ao poder e, antes de dar os primeiros passos na transformação socialista da economia, encontrou o país mergulhado na mais completa desorganização e o povo com fome, em função da guerra. Nestas condições, Lenin indicou abertamente que era forçoso fazer concessões ao capitalismo. Agora, depois de 70 anos da revolução, Gorbachev apresenta sua capitulação completa ao sistema burguês como “avanço” socialista. É uma fraude escandalosa.

(Umberto Martins)

Em busca do capital

A Assembléia Nacional do Vietnã aprovou por unanimidade uma nova lei que permite a entrada de capitais estrangeiros no país. Segundo o vice-primeiro-ministro Vo Van Kiet, o Vietnã precisa “atrair capital dos países estrangeiros, sejam eles socialistas ou não socialistas”. Com a nova lei, as empresas estrangeiras terão garantias explícitas contra as nacionalizações. Estas medidas do governo vietnamita pretendem estimular a economia de livre mercado no país, abandonar o planejamento centralizado e os salários deverão estar ligados à produtividade. Algumas medidas visando favorecer a iniciativa privada já estavam sendo aplicadas desde 1982 à pretexto de combater a crise econômica que castigava aquele país do sudeste asiático. Só em 1986 foram criadas 4 mil empresas privadas com 40 mil empregados.

Abrindo as portas

Atolado na pior crise econômica em seus 12 anos de vida independente, o governo de Angola resolveu escancarar de vez as portas do país ao capital estrangeiro, numa tentativa desesperada para reaquecer a economia. O parlamento angolano deverá aprovar ainda este mês um plano denominado Saneamento Econômico e Financeiro (SEF), que franqueia praticamente todos os setores da economia ao capital estrangeiro. O petróleo e o diamante, cuja exploração já é feita com a participação de empresas multinacionais, serão regulados por um estatuto especial. O coordenador do novo plano econômico, José Cerqueira, anunciou as medidas tecendo rasgados elogios a economistas capitalistas, como John Maynard Keynes e Milton Friedman.

Torturador promovido

No espaço de uma semana dois oficiais argentinos (um torturador assassino e outro golpista) foram agraciados no fim do ano. Aldo Rico, líder da rebelião militar de abril do ano passado, foi restituído ao grau de tenente-coronel pelo ministro da Defesa, Horácio Jaunarena. Esta medida permite que Aldo Rico seja julgado pela Justiça Militar. Já o conhecido tenente da Marinha Alfredo Astiz, acusado de violações dos direitos humanos durante a ditadura militar e de três assassinatos, foi promovido a capitão-de-corveta. A promoção de Astiz foi recomendada pela comissão de promoção das Forças Armadas e assinada pelo presidente Raul Alfonsín.

Exílio ou prisão

Para Juan Gelman, poeta argentino exilado há 11 anos, a situação é diferente. Gelman vive na Itália e até agora não pôde retornar a seu país porque é acusado de envolvimento com os Montoneros — grupo conhecido por sua resistência armada durante a ditadura — e poderá ser preso se não pagar uma fiança de 80 mil austrais (quase Cz\$ 1,5 milhão). Considerado um dos melhores poetas latino-americanos contemporâneos, Juan Gelman teve seu filho e sua nora sequestrados pelas forças de segurança em 1976 e hoje estão na lista dos “desaparecidos” deixados pelos militares.

Divididos perderam

Kim Dae-Jung, principal dirigente da oposição na Coreia do Sul, assumiu parte da responsabilidade pela derrota das forças oposicionistas durante as eleições presidenciais realizadas em dezembro último. “Devo pedir sinceramente perdão ao povo — disse ele —, pois me dei conta de que minha responsabilidade é tão grande que não posso suportá-la”. O candidato oficial, general da reserva Roh Tae-Woo, obteve cerca de 8 milhões de votos e foi o vitorioso. Os dois candidatos oposicionistas tiveram juntos pouco mais de 12 milhões de votos, mas não levaram porque a oposição se dividiu.

Nomeações do Kremlin

Gustav Husak, que assumiu a liderança do PC da Checoslováquia há 19 anos, protegido pelos tanques russos que haviam invadido o país, renunciou ao cargo em dezembro. Mais uma vez são os russos que estão por trás dessa mudança. Dentro da política da *perestroika*, preconizada por Gorbachev, o Kremlin felicitou a nomeação de Milos Jakes para substituir Husak. O dirigente checo Gustav Husak exerceu o poder com mão de ferro tendo sempre o cuidado de não desagradar os padrões do Kremlin. Mas com a ascensão de Gorbachev ele caiu em desgraça e daí para a sua substituição foi meio passo.



Joint-ventures com as multinacionais podem ajudar o socialismo? Gorbachev (acima) diz que sim



Tribuna Operária

Semanário Nacional

Faça já sua assinatura e ajude a imprensa operária que luta pela liberdade e pelo socialismo

Anual (52 edições) Cz\$ 2.500,00
Anual popular (52 edições) Cz\$ 1.250,00
Semestral (26 edições) Cz\$ 1.250,00
Semestral popular (26 edições) Cz\$ 625,00
Anual para o exterior (em dólares) US\$ 70

Nome:

Endereço:

Bairro:

Cidade:

Estado:

Profissão:

Data:

Recorte este cupom e envie, junto com cheque nominal à Editora Anna Geribaldi Ltda, Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — S. Paulo, CEP 01318

CDM

Centro de Documentação e Informação

Fundação Maurício Grunfeld

Parlamentarismo dá lbope

Um ato público realizado no final do ano passado, no Rio de Janeiro, pelos defensores do parlamentarismo deve servir de exemplo para aqueles que ainda duvidam que a mudança do sistema do governo pode empolgar amplos contingentes progressistas. No dia 21 de dezembro — às vésperas do Natal — centenas de populares lotaram as dependências da Assembléia Legislativa do Estado, atendendo a convocação lançada unitariamente pelo prefeito do Rio, Saturnino Braga, pelo PCdoB e por personalidades políticas nacionais e fluminenses.

Muito aplaudido, o senador José Fogaca (PMDB-RS) afirmou que o ato deveria ser entendido como “a semente de uma campanha de esclarecimento em favor do parlamentarismo”. Além dele, estavam presentes outros representantes da ala progressista do PMDB, como os constituintes Paulo Ramos e Ana Maria Rattos.

O presidente do PCdoB, João Amazonas, condenou a atitude exclusivista do PDT, ao afirmar que “poderíamos fazer a campanha das diretas juntos, sem discutir o sistema de governo, mas o Brizola quer levar a ferro e fogo”.

Ao final a “Carta do Rio de Janeiro”, que lança publicamente o movimento pelo parlamentarismo foi assinada, entre outras, por Saturnino, Amazonas, Fogaca, Afonso Arinos, o senador Nelson Carneiro e o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, que fizeram parte da mesa.

As ruas fazem milagre

Dois pronunciamentos políticos importantes demonstraram, na última semana, que são cada vez mais remotas as chances do presidente Sarney impedir que o plenário da Constituinte endosse o parecer da Comissão de Sistematização e aprove o mandato presidencial de 4 anos. A primeira declaração foi dada por Ulysses Guimarães. Tão logo desembarcou em solo brasileiro, regressando de uma viagem de doze dias aos Estados Unidos, Ulysses fez questão de afirmar que está a favor de eleições presidenciais este ano, pois este é o desejo “das ruas”.

A adesão de Ulysses à tese mostra-se ainda mais significativa quando se recorda que há menos de seis meses ele coordenou pessoalmente um grande esforço para que a Convenção do PMDB não aprovasse as diretas-88.

Abandonar o navio!

Outro sinal de que Sarney perde rapidamente o pouco que resta de sua base de sustentação. No dia 5, o general Leônidas Pires reconheceu finalmente que a definição do mandato presidencial “cabe à Constituinte”. E deu a entender que está a favor de eleições gerais em 88. O posicionamento de Leônidas parece indicar que os militares já perceberam os prejuízos que lhes causa apoiar um presidente desmoralizado, e talvez estejam à procura de fórmulas alternativas que lhes permitam continuar intervindo nos assuntos políticos do país.

Castelo abre o país...

Por sinal, motivos não faltam para o isolamento do governo. No último dia 3, o ministro José Hugo Castelo Branco antecipou alguns itens do projeto de política industrial que o governo se prepara para apresentar ao país. Foi possível saber, então, que o documento não faz nenhuma distinção entre empresa nacional e empresa estrangeira, para concessão de incentivos, facilidades ou qualquer outro fim. José Hugo, aliás, fez questão de expor pessoalmente sua concepção incomum sobre os capitais estrangeiros. Para ele, “no Brasil só existe uma categoria de empresa: as brasileiras, sendo umas de capital nacional, outras de capital estrangeiro”.

...e as multis penetram

Aproveitando-se desse clima de ampla liberalidade, os bancos estrangeiros têm penetrado cada vez com maior ousadia em setores importantes da indústria nacional. No último dia 5, a Brasmotor anunciou que está prestes a vender 16,1% de suas ações a um consórcio integrado por bancos norte-americanos, canadenses e europeus. A transferência será feita através da conversão de parte dos créditos que estes bancos têm com o Brasil.

Com a venda de parte da Brasmotor, a principal indústria de máquinas de lavar roupa e geladeiras do país — a Brastemp — pode ter mais da metade de seu capital controlado por grupos estrangeiros. Isso porque 40% do capital da empresa já pertenciam ao grupo americano Whirl-Pool. Os outros 60% estão nas mãos da Brasmotof.

Ser ou não ser?

Apesar destes e de outros atos abusivos, setores importantes do PMDB ainda se mostram vacilantes quando se discute a possibilidade do partido assumir uma postura independente em relação ao Palácio do Planalto. A incerteza atinge inclusive parte dos peemedebistas empenhados em organizar a reunião dos “históricos” do partido, programada para o dia 9. Três dias antes do encontro, o senador José Richa ainda perguntava, quando consultado pelos repórteres: “Romper para que?”

Vivendo de ilusão

Richa, porém, não é o único a esquecer os compromissos que o PMDB assumiu um dia. Em 1983, Ulysses Guimarães chegou

a propor a moratória da dívida externa por três anos. Ao voltar de sua viagem aos EUA, porém, ele comunicou sua adesão a uma nova proposta, sugerida aliás por executivos do Morgan Guaranty Bank com quem se encontrou em Nova York. O mecanismo sugerido por Ulysses nada mais é que uma “rolagem especial” dos débitos. Ulysses, porém, prefere acreditar que ele será “um passo importante no sentido de alcançar uma solução mais duradoura para a dívida”.

Até tu, Lula?

Por fim, há o caso do PT. Quem acompanhou os últimos encontros deste partido, percebeu por certo que todos eles foram marcados pelo grande esforço de seus dirigentes no sentido de transformar a agremiação numa “alternativa eleitoral concreta”.

No último dia 1º, porém, ao conceder entrevista à “Folha de S.Paulo”, Lula, o presidente do PT, demonstrou que este esforço pode levar o partido a assumir uma postura tipicamente moderada, e a abandonar bandeiras que são essenciais para superar a crise do país de forma favorável ao povo, mas que causam calafrios aos representantes do poder econômico.

Convidado a expor o programa que apresentará como candidato ao próximo pleito, ele evitou formular qualquer proposta que pudesse ser vista como “radical”. Nada falou, por exemplo, a respeito da dívida externa. Ao responder a outra pergunta, no entanto, derramou-se em apelos aos empresários: “Nossas propostas não são socialistas nem estatizantes”, começou, para acrescentar que pretende “encontrar uma política que se não contente todos os setores da sociedade, inclusive a burguesia, pelo menos vislumbre a possibilidade de em um futuro próximo contemplar a todos”. E concluiu de forma ainda mais incisiva: “Eu preciso do empresariado e preciso do trabalhador. É a lógica do sistema que o ‘Estado’ e a Globo defendem. É a lógica do sistema que o empresariado defende, só que eles não querem executar”.

Estranha falta de luz

O Diretório Municipal do PCdoB em Maravilha, interior de Santa Catarina, está denunciando que o fornecimento de energia elétrica foi subitamente interrompido em todo o extremo-oeste do Estado quando ia ao ar, pela TV, no último dia 30/11, o programa nacional do partido. As Centrais Elétricas de Santa Catarina emitiram nota atribuindo a interrupção a problemas na subestação de Pinhalzinho, mas o PCdoB lembra que tais problemas, estranhamente, ocorrem apenas quando vai ao ar a mensagem de algum partido oposicionista. Os dois cortes de energia anteriores ocorreram justamente na apresentação dos programas nacionais do PDT e do PT.

Avião da alegria

O desenvolvimento das crises políticas e econômicas agudas leva amplas parcelas da população a adotarem práticas francamente irracionais, e isto ocorre principalmente entre as classes que se sentem impotentes para resolver os problemas da sociedade.

Um exemplo cabal desta tendência é o sucesso que vem fazendo no Rio e em S.Paulo, nos últimos meses, um truque conhecido como “pirâmide” ou “avião”. Os que aderem a ele desembolsam uma quantia em dinheiro e creem que num espaço de poucas semanas receberão a soma investida multiplicada por 8. Tudo é muito simples e não requer esforço, bastando aos participantes conquistar dois aderentes novos para a brincadeira.

Como riquezas não se multiplicam a não ser pelo trabalho, a esmagadora maioria dos “piramidistas” dá com os burros n’água, mas um charme estranho faz com que milhares de cidadãos da classe média continuem aderindo à aventura, e o “Jornal do Brasil” do último dia 4 garantiu que já há empresários jogando à base de 1.000 dólares por cabeça.

“CENTRÃO”

Investindo no retrocesso

As propostas divulgadas pelos líderes do grupo incluem até liberdade com a tortura

Um autêntico pacote reacionário contra o povo, que não apenas atinge as tímidas conquistas alcançadas pelos trabalhadores nas fases iniciais da Constituinte, mas que também elimina parte fundamental das garantias democráticas, consolida a enorme concentração de riquezas que caracteriza nossa economia e faz concessões escandalosas ao capital estrangeiro. É este, precisamente, o conteúdo das emendas que a cúpula que dirige o “Centrão” prepara-se para encaminhar ao plenário da Assembléia, a julgar pelas informações que deram à imprensa alguns de seus líderes mais destacados.

Sintomaticamente, as propostas não procuram alterar alguns dos itens políticos mais importantes aprovados na Comissão de Sistematização, como a adoção do parlamentarismo e a realização de eleições diretas. Isso deve ser interpretado como um sinal de fraqueza, o reconhecimento implícito dado pelos coordenadores do grupo de que o “Centrão” é uma frente heterogênea, capaz de dividir-se em vários pedaços se forçado a assumir unitariamente certas posições.

Em compensação, os líderes do grupo investem com fúria redobrada contra os direitos sociais, confiantes de que conseguirão articular uma sólida unidade dos representantes do poder econômico, contra qualquer arranhão em seus privilégios históricos. As emendas contrapõem-se a uma lista de itens, a começar pelo direito de greve. Além de prever que este direito precisará ser regulamentado pela legislação ordinária, o projeto do “Centrão” inclui no artigo 11º do texto da Comissão de Sistematização um parágrafo que faz lembrar as restrições vigentes durante o regime militar. Segundo ele, é vedada a greve nas “atividades essenciais”.

Os ataques não param por aí. A unicidade sindical, uma

conquista importante consagrada pela Comissão de Sistematização, também está ameaçada. Caso seja aprovada outra das propostas do “Centrão”, o texto constitucional passará a admitir a existência de mais de um sindicato por categoria. Se ainda existia alguma dúvida em relação à preferência da direita pelo pluralismo sindical, a emenda agora apresentada é suficiente para esclarecer os mais céticos.

Caem estabilidade e jornada de 44 horas

O “centrão” também não deixou de atacar dois dos dispositivos mais combativos pelo lobby da União Brasileira dos Empresários que atua na Constituinte. Um deles é a proteção contra a dispensa imotivada, que é substituída por uma vaga “indenização compensatória” aos demitidos, a ser definida em lei. O outro é a jornada semanal de 44 horas. No texto que os líderes do grupo pretendem apresentar, este item é substituído pela simples fixação da jornada de 8 horas diárias, que equivale na prática à mera manutenção das 48 horas semanais em vigor atualmente.

Por último, ainda no capítulo dos direitos sociais, estão ameaçados o pagamento em dobro das horas-extras, a licença de 120 dias para as gestantes, o aviso-prévio proporcional ao tempo de serviço e de no mínimo 30 dias e a imprescritibilidade dos direitos trabalhistas.

Já nas questões relativas à estrutura fundiária, o “centrão” demonstrou uma fidelidade canina em relação aos pontos de vista sustentados pela UDR. Se o anteprojeto da Comissão de Sistematização já era extremamente tímido em relação à reforma agrária, as emendas que a direção do grupo pretende agora apresentar são um autêntico escudo protetor em defesa do latifúndio. O “centrão” quer manter o

artigo que protege a propriedade privada e exige “justa e prévia indenização” no caso de desapropriações. Não satisfeito com isso, porém, inclui a necessidade de que estas indenizações sejam pagas em dinheiro, e não em títulos da dívida agrária, por exemplo o que inviabiliza completamente as desapropriações.

Ataque às pequenas propriedades

E a ira dos reacionários volta-se não apenas contra os sem-terra, mas também contra os pequenos produtores. Segundo declararam seus líderes, o “centrão” pretende apresentar emenda suprimindo o parágrafo 39 do artigo 6º do projeto da Comissão de Sistematização, que proíbe a penhora das propriedades familiares de até 25 hectares. Se aprovada a supressão, um enorme contingente de camponeses continuará sob ameaça permanente de perder suas propriedades em definitivo.

O caráter nitidamente elitista das propostas, aliás, transparece também nos itens que impedem a União, os Estados e os Municípios de estabelecerem impostos sobre os ricos, e o “centrão” é tão intrasigente nesse ponto que uma de suas emendas chega a eliminar sumariamente os dispositivos que permitem cobrar impostos sobre as grandes fortunas.

Já nas emendas relativas à Ordem Econômica, fica patente o desejo incontido de servir ao capital estrangeiro. Através de uma alteração no artigo 200 do anteprojeto da Comissão de Sistematização, os líderes reacionários pretendem igualar inteiramente as multinacionais às empresas de capital nacional. Segundo o texto do “centrão”, passam a ser “nacionais” rigorosamente todas as empresas instaladas em território brasileiro, pois

os únicos critérios para tanto são estar “constituída sob as leis do Brasil” e “aqui manter sua sede e administração”. Mais adiante, outra emenda desfere um sério golpe contra as verdadeiras empresas nacionais, pois elimina dispositivo instituindo programas de incentivos e benefícios fiscais às firmas de capital brasileiro.

Fica proibida a reserva de mercado

Estes não são, porém, os únicos ataques à soberania nacional. O projeto da direita elimina o parágrafo 2º do artigo 200, que estabelece a possibilidade de proteção do mercado nacional e de criação de reserva de mercado nos ramos estratégicos da indústria; altera o artigo 206, para permitir que grupos mineradores estrangeiros explorem as jazidas minerais e até mesmo os potenciais de energia hidráulica do país; elimina o monopólio da União sobre a distribuição de combustíveis; e suprime um item do artigo 207 que impede o estabelecimento de contratos de risco para exploração do petróleo brasileiro por firmas estrangeiras.

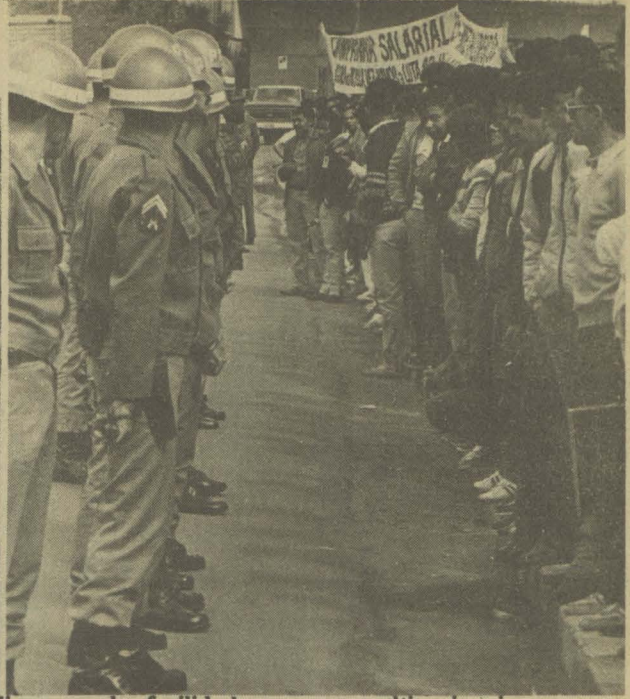
Finalmente, é preciso destacar a gravidade das alterações que os líderes do “centrão”, pretendem introduzir nos capítulos relativos às liberdades políticas. Uma emenda ao parágrafo 2º do artigo 3 da Sistematização abranda consideravelmente o combate às discriminações e aos atentados contra os direitos e liberdades fundamentais.

Mas o pior vem a seguir. Demonstrando indiferente saudosismo, o “centrão” introduz no parágrafo 3º do mesmo artigo, modificações que suprimem sumariamente do texto a parte que tornava a tortura um crime “imprescritível” e insuscetível de graça e anistia.

(Antonio Martins)



As emendas da direita incluem o fim do direito de greve, a proteção integral dos latifúndios e amplas facilidades para as multinacionais.



CONSTITUINTE

“Centrão” altera as regras do jogo

Contando com a valiosa ajuda do tripresidente Ulysses Guimarães, o “centrão” — agrupamento dirigido pela extrema-direita — conseguiu, no reinício dos trabalhos constituintes, aprovar as mudanças no Regimento Interno de forma a beneficiar as suas intenções golpistas. Depois do impasse a que se chegou no final de dezembro, logo na segunda sessão deste ano a proposta do “centrão”, subscrita pela Mesa da Constituinte, acabou sendo aprovada na íntegra, em apenas duas votações.

Inicialmente foi votado um requerimento que solicitava a votação em bloco dos cinco destaques ao projeto de alteração regimental apresentado pelo PDT. O requerimento foi aprovado por 224 votos contra 162 e 8 abstenções. Em seguida, foi colocado em votação o mérito dos destaques, que pretendiam amenizar as alterações antidemocráticas propostas pelo “centrão”, que foram, rejeitados por 228 votos contra 148 favoráveis e 24 abstenções. Assim, encerrou-se melancolicamente a batalha pelas mudanças regimentais.

Agora, com a aprovação das mudanças no Regimento, os prazos começam a contar para que, finalmente, o plenário da Constituinte possa iniciar a votação decisiva do novo texto constitu-

cional. De acordo com o aprovado, os constituintes poderão apresentar novas emendas (inclusive substitutivos integrais a Títulos e Capítulos) ao Projeto já aprovado pela Comissão de Sistematização até o próximo dia 13 de janeiro. O relator terá prazo até o próximo dia 20 deste mês para apresentar pedidos de destaque para votação em separado de partes do Projeto de Constituição nos dias 23, 24 e 25 de janeiro, iniciando-se a votação em plenário no próximo dia 27 de janeiro.

DEMOCRACIA GOLPEADA

As mudanças regimentais aprovadas pelo “centrão” representam um duro golpe na democracia dos trabalhos constituintes. Em primeiro lugar elas permitem a apresentação pela maioria absoluta — 280 constituintes de substitutivos integrais a Títulos e Capítulos do Projeto da Sistematização que, nesse caso, terão preferência automática para votação em plenário sobre todas as outras emendas. Isto significa dizer que o “centrão” poderá aprovar sozinho, com apenas nove votações, uma nova Constituição, jogando no lixo todo o trabalho realizado até agora.

Além disso, o novo regimento permite que, caso não haja quo-

rum na primeira votação, ela seja repetida no dia seguinte, facilitando assim a mobilização dos deputados-turistas do “centrão”. Como se isso não bastasse, o novo regimento permite, ainda, que, caso o capítulo e as emendas a ele referentes sejam rejeitados, a Sessão seja suspensa por 48 horas para a apresentação de um novo texto, seja pelo relator, seja pela maioria absoluta dos constituintes.

Todas essas alterações foram feitas com o objetivo de beneficiar a direita que pretende anular as conquistas sociais, trabalhistas e econômicas obtidas na Comissão de Sistematização. A intenção do “centrão” é apresentar substitutivos integrais a todos os Títulos, alterando as questões mais avançadas. Aos setores progressistas resta apenas a possibilidade de solicitar pedidos de preferência para votação em separado de partes do projeto ou do substitutivo ou de emendas individuais apresentadas por constituintes, numa tentativa de amenizar o rolo compressor da direita.

RACHA POSSÍVEL

No entanto, o objetivo da cúpula direita que dirige o “centrão” pode não ser alcançado, na medida que, apesar de, no mérito, das principais questões eles não

consigam a unanimidade de votos, rachando assim a hegemonia até agora obtida. Os setores progressistas apostam nessa possibilidade, procurando romper com a hegemonia do “centrão”, no sentido de aprovar propostas avançadas. Nesse rumo, a mobilização popular para pressionar os constituintes e a denúncia nas bases dos deputados que integram o “centrão” são instrumentos poderosos para se obter alguns avanços significativos nessa fase final da Constituinte. Os setores progressistas, agora, devem lutar para conseguir dividir o “centrão”, fazendo com que importantes segmentos moderados desse grupo votem a favor do povo.

De qualquer maneira, toda a mudança necessita ter 280 votos para que seja incluída no texto constitucional. Caso isso não ocorra e o Projeto da Sistematização seja rejeitado, abre-se a brecha para a apresentação de um novo texto que, igualmente precisará de 280 votos para ser aprovado. O comportamento da maioria dos constituintes, nessa fase final das votações, é imprevisível, mas, sem dúvida, com as alterações regimentais aprovadas, está mais fácil para a direita obter vitórias. Isso um amplo processo de mobilização popular poderá garantir as conquistas já obtidas. (Moacyr de Oliveira Filho)

DÍVIDA

"Operação" mexicana

Uma nova, mas falsa, solução para a questão do endividamento externo vem sendo acautelada pela equipe econômica do governo brasileiro: a chamada operação mexicana. Trata-se da transformação de uma parcela dos débitos em bônus que serão emitidos pelo México com lastro (garantia) em títulos do Tesouro norte-americano.

A proposta (de "securitização") embute alguns elementos das idéias expostas em meados do ano passado pelo ex-ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, já que, em tese, possibilitaria a conversão da "dívida velha" em "dívida nova", com deságio (ou desconto).

A OPERAÇÃO

A operação implica, inicialmente, que o governo mexicano adquira (com suas reservas monetárias) 2 bilhões de dólares em títulos do Tesouro norte-americano com prazo de 20 anos e juros fixos de pouco mais que 8%, resgatáveis somente na data de vencimento, quando valeriam 10 bilhões de dólares.

A imprensa chegou a divulgar que o governo mexicano compraria por 2 bilhões papéis norte-americanos no valor de 10 bilhões de dólares, dando a impressão de que o imperialismo ianque estava dando uma de bom samaritano com o México.

Ao contrário, trata-se de um bom negócio para o Tio Sam, especialmente quando se sabe que ele anda atormentado com o financiamento de seu gigantesco déficit orçamentário. Na verdade, o valor presente (ou seja, atual) dos títulos em questão é inferior a 2 bilhões de dólares. Os juros dos papéis do governo Reagan hoje estão na casa dos 9%, percentual que, aplicado sobre 2 bilhões num prazo de 20 anos, rende precisamente 11,2 bilhões de dólares. Ou seja, na primeira tacada o governo mexicano já sai perdendo, sendo que os prejuízos podem ser ainda maiores que 1,2 bilhão de dólares, dado que compra títulos a juros fixos e a pers-



pectiva das taxas é de alta nos próximos anos.

RISCO

Ao lado disto, o país devedor (no caso, o México) emite bônus lastreados nos títulos que comprou, igualmente com prazo de 20 anos e também no valor de 10 bilhões de dólares. Com a diferença de que pagará juros flutuantes de mercado e "spread" (taxa de risco) de 1,625%, o dobro do que incide atualmente sobre seus débitos (0,8125%).

Os bônus serão leiloados a quem detiver títulos da dívida externa mexicana e esteja disposto a trocá-los com deságio, recebendo, como compensação, além de "spread" e juros mais apetitosos, a promessa de que terão preferência nos pagamentos efetuados pelo país e, de quebra, a garantia dos títulos norte-americanos sobre o principal.

Em tese, não seria de todo um mal negócio para os bancos credores. Entretanto, já aí a operação apresenta grandes riscos para o governo mexicano. É ainda cedo para fazer um julgamento mais definitivo acerca do futuro de tais bônus, mesmo porque eles só co-

meçarão a ser negociados nos próximos meses.

De qualquer forma, os grandes conglomerados financeiros (que detêm 80% da dívida mexicana) mostram-se reticentes com a experiência e já deixaram claro que não estão dispostos a aceitar qualquer prejuízo decorrente de descontos sobre seus créditos. Apenas alguns pequenos e médios bancos revelaram maior interesse pela operação.

Estima-se que somente na hipótese de obter um deságio equivalente ou superior a 50% do valor dos seus débitos (ou seja, se conseguir comprar títulos da dívida de 100, digamos, por 50 ou menos) o governo mexicano obterá alguma compensação. O que já está evidente, em primeiro lugar, é que tal expediente está muito longe de constituir uma solução para o grave problema do endividamento, podendo até mesmo agravá-lo. Em segundo, que o grande beneficiário da operação — qualquer que seja o seu resultado — é o governo norte-americano, que, através dela, consegue o prodígio de vender seus títulos públicos (a cada dia mais desmoralizados) por um preço superior ao valor de mercado.

MINISTÉRIO DA FAZENDA

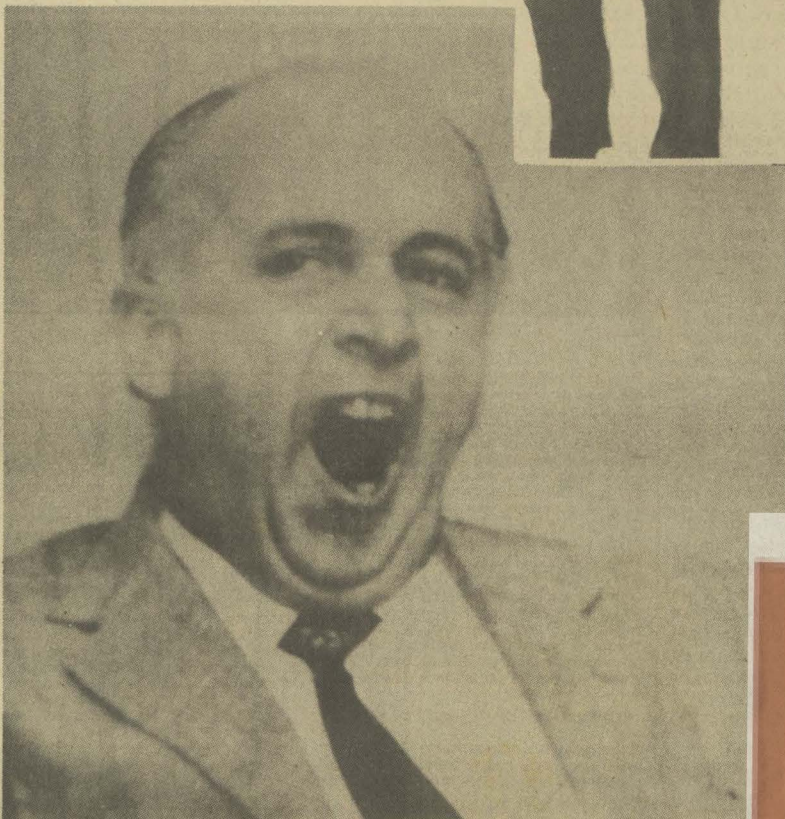
Um ministro sem planos

"Já temos planos demais, é hora de realizá-los." Com esta confissão de quem não tem nada a apresentar e que vai se limitar a executar o que já está definido, Mailson da Nóbrega assumiu, no último dia 5, o Ministério da Fazenda, substituindo Bresser Pereira.

De fato, Nóbrega jamais se destacou por ter idéias próprias. Sua especialidade é servir com competência. Um sindicalista o definiu muito bem como um "yes-man". E o próprio jornal "O Estado de S. Paulo" diz que ele é um "comportado tecnocrata".

O novo ministro serviu com dedicação à ditadura militar. Desde 74 começou a ocupar cargos de confiança na burocracia estatal no Banco do Brasil, levado por seu presidente, Ângelo Calmon. Que aliás, em 1977, quando passou a ministro da Indústria e Comércio, levou Nóbrega como assessor econômico. Com a dupla Ernane Galvêas — Delfim Netto, no governo Figueiredo, Mailson já passou a ocupar a secretaria-geral do Ministério da Fazenda, onde permaneceu até 1985. Ao assumir, Bresser Pereira conduziu o pupilo de Delfim à secretaria-geral.

A promoção de Mailson foi considerada uma decisão sábia por Delfim Netto e "muito boa" por Mário Henrique Simonsen. E o novo ministro da Fazenda



Mailson, um substituto insofocável para o sonolento Bresser

Ulysses e o "Centrão"

Opinião Parlamentar



Haroldo Lima, Dep. Federal PCdoB

O presidente da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, teve um papel destacado na aprovação das mudanças regimentais propostas pelo "centrão". Desde o início dessa batalha, o presidente da Constituinte mostrou ser um aliado importante do "centrão". O melhor exemplo disso é o fato de que a própria mesa da Constituinte, por iniciativa expressa de Ulysses Guimarães, subscreveu como sendo sua as propostas de mudança apresentadas pelo "centrão", facilitando, assim, o caminho para a sua aprovação.

Como se isso não bastasse, o presidente Ulysses Guimarães, durante todo o tumultuado processo de votação das mudanças regimentais, comportou-se sempre como um aliado do "centrão". No final do ano passado, quando ainda se buscava um acordo para agilizar a votação das mudanças do regimento e, assim, iniciar o processo de votação pelo plenário do mérito do projeto, os líderes do PDT, do PT e do PC do B procuraram o presidente Ulysses para saber qual seria o comportamento adotado pela mesa, no caso de retiradas dos destaques apresentados pelo PDT às alterações do regimento.

Num primeiro momento, Ulysses disse que, se os destaques fossem retirados, o projeto seria considerado

mente para esse fim. Essa postura beneficiava o "centrão", pois como àquela altura não havia quórum, ele poderia suspender a sessão, retomando-se os trabalhos apenas em janeiro. Diante disso, o PDT e o PT decidiram manter os destaques.

No entanto, Ulysses mudou novamente de comportamento. Após a votação — e rejeição — dos destaques em bloco, o presidente decidiu colocar em votação simbólica a redação final do projeto, de imediato. Ao contrário do que dissera anteriormente, não convocou uma sessão especialmente para esse fim. Isto porque, a essa altura, as emendas do "centrão" já estavam em condições de serem apresentadas, o que não ocorrera no final do ano passado.

aprovado imediatamente, sem necessidade de votação final. Com isso, o prazo para a apresentação de emendas começaria a contar de imediato. Como o "centrão" não tinha interesse nisso, na medida em que suas emendas ainda não estavam prontas, nem haveria tempo hábil para que eles colhessem as 280 assinaturas que garantiriam a preferência automática, pressionou o presidente da mesa, e ele mudou de opinião.

Ulysses passou a argumentar que, mesmo com a retirada dos destaques, haveria necessidade de votação da redação final numa nova sessão, convocada especial-

Esse comportamento de Ulysses mostra de forma clara sua participação decisiva ao lado do "centrão" nas mudanças antidemocráticas que foram feitas no regimento interno. Ulysses foi conivente e cúmplice de um golpe profundo contra a democracia na Constituinte, traindo seu compromisso com a própria soberania da Assembleia. É importante que o povo brasileiro saiba exatamente qual tem sido o comportamento das várias lideranças políticas na importante batalha que está sendo travada para definir o futuro político, econômico e social do país.

GÁBIO ARAÚJO

Exemplo de militância

No dia 16 de dezembro passado, a juventude brasileira perdeu um grande lutador. Morreu, aos 25 anos, o ex-diretor da União Nacional dos Estudantes, Gábio Araújo. Estudante de medicina de Campina Grande, na Paraíba, sempre se destacou nas lutas estudantis naquele Estado, vindo a compor a diretoria da UNE em 1986.

Desde 85, Gábio vinha desenvolvendo uma grande luta contra o câncer e em nenhum momento se deixou abater pela doença. Muito pelo contrário: foi um exemplo de coragem, perseverança e combatividade para todos aqueles que, na diretoria da UNE ou de outra forma, acompanhavam sua batalha. Já doente, deu uma contribuição inestimável nas lutas e no trabalho desenvolvido pela diretoria da UNE.

Militante do Partido Comu-

nista do Brasil há vários anos, os últimos meses de sua vida foram continuidade da sua grande dedicação ao partido. Já debilitado pela doença, cumpriu um papel muito destacado na campanha de filiação no seu Estado, vivendo intensamente e lutando como



Um dos quadros de Gábio

sempre fez durante toda a sua juventude. Nas horas vagas, Gábio dedicava-se à pintura.

Mesmo enfrentando no dia a dia o câncer, nunca fez dele o centro de suas preocupações. Não vivia em função da proximidade da morte e sim da vida que ainda tinha. Por isso, até o final sua atividade foi intensa, sua dedicação ao partido e sua certeza sobre as idéias revolucionárias foram inabaláveis.

Pela forma que viveu e morreu, lutando, Gábio foi para toda a juventude e para todos os militantes do PC do B um exemplo de revolucionário. Sua coragem e dedicação vão ser sempre lembrados e sua figura querida sempre homenageada por todos aqueles que acreditam que a vida vale para lutar contra a opressão e construir uma nova sociedade. (Gisela Mendonça, ex-presidente da UNE)

VENHA "PANELAR" EM SALVADOR

Salvador é sol, é mar, é alegria, é beleza... Salvador é música! Em Fevereiro, Salvador vira Carnaval!

A melhor forma de brincar o Carnaval de Salvador é no PANELA VAZIA, o bloco mensagem, o bloco de luta, o bloco poesia.

O PANELA é uma forma bonita e gostosa de satirizar, de criticar os poderosos e a situação do povo sem perder o charme, a alegria, o jeito solto e gingado do Carnaval da Bahia.

É um dos blocos mais baratos, sem com isso perder a qualidade que lhe garantiu o título de campeão de 87 e diversos outros prêmios.

O PANELA é integração, é amizade, é um bloco onde um sentimento, um axé muito grande, de repente une todo mundo na maior solidariedade... O PANELA é paz. São milhares watts de potência a serviço de sua alegria e do delírio coletivo sem igual que é o Carnaval da Bahia.

FAÇA SUA RESERVA JÁ! Nossos preços: até dia 07/12 - Cz\$ 2.900,00 - a partir de 08/12 - Cz\$ 3.450,00 à vista ou em prestações. MAIORES INFORMAÇÕES FONE (071) 243-6492



"O POVO BRINCA, MAS COM O POVO NÃO SE BRINCA"

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Dois caminhos antagônicos

O PC do B expulsou de suas fileiras, em novembro do ano passado, Maria Amélia Teles, por atividade de sabotagem ao partido. Num longo processo de discussão, que durou anos, Amélia jamais conseguiu assimilar as concepções proletárias. Mostrava-se permanentemente insatisfeita. No dia 20 de dezembro, numa entrevista ao reacionário “O Estado de S. Paulo”, ela resolveu extravasar o seu ódio ao partido da classe operária, numa matéria bem ao gosto da direita mais anticomunista.

Novo ambiente

Com este modo de pensar, é evidente que Amélia não podia sentir-se bem no PC do B. Por isto pode-se hoje entender porque ela sempre se dizia perseguida, apesar dos comunistas tentarem ajudá-la a atuar junto ao movimento de emancipação das mulheres. Com idéias burguesas tão radicais, Amélia devia de fato sentir um ambiente desagradável entre os comunistas, defensores ardorosos do proletariado. Agora, junto com a família Mesquita, ela deve respirar o ar que sempre almejou.

O que muita gente se pergunta, depois de ler uma reportagem tão caluniosa, onde Amélia retrata os militantes comunistas como se fossem bandidos — aliás o “Estado” tituló a matéria com a palavra *máfia do PC do B* —, como é que uma pessoa assim permaneceu tanto tempo no partido.

Duas ideologias

Ocorre que, do ponto de vista ideológico, existem fundamentalmente dois campos em nossos dias, o da burguesia e o do proletariado, que não se misturam. Mas na política, em determinados momentos, diversas classes e camadas de classes podem se juntar em torno de objetivos imediatos. Por exemplo, no combate à ditadura, os operários, os camponeses, estudantes, profissionais liberais, intelectuais, e mesmo setores liberais da burguesia uniram-se numa amplíssima frente política pela democracia.

Nestas batalhas, muitas pessoas aderem à organização da classe operária. Inicialmente movem-se por propostas políticas imediatas. Só com o tempo, na prática da militância coletiva, é que vão transformando as suas concepções e aderindo à ideologia operária. O comunista se forja dentro do partido, num processo permanente. Diógenes Arruda dizia que ser comunista é uma opção cotidiana. A cada dia o militante se defronta com os dois caminhos. Afinal o partido não está fora da sociedade burguesa e não existe vacina que imunise o cidadão contra os múltiplos apelos — e ameaças — da classe dominante.

Algumas pessoas entram no partido e atuam sob sua orientação por muito tempo, mas preservam certas concepções essenciais da burguesia, como a vaidade, a presunção, a busca de postos e cargos, etc. E imaginam que podem usar a máquina partidária do proletariado para seus fins. Quando se chocam com a barreira revolucionária dos que de fato entregam suas vidas à causa maior da liberdade e do socialismo, enfurecem-se, tentam destruir o partido — e chegam inclusive a apelar para o “Estado”.

Ponto de virada

Ou seja, chega um ponto em que a atividade partidária exige uma transformação maior. É um ponto de virada. Ou o militante dá um salto na assimilação da ideologia científica do proletariado ou a bagagem burguesa que ele ainda carrega passa a dirigir sua atividade, negando o impeto inicial que o levou ao partido.

Stálin afirmava, com muita razão, que a essência do marxismo-leninismo é a concepção de partido revolucionário do proletariado. Os inimigos do partido fazem, queiram ou não, o jogo da contra-revolução. (Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Uma grande Formosa

A indústria automobilística teve, em 1987, uma queda de vendas no mercado brasileiro de 33%, em relação a 86. Mas em compensação as exportações de seus produtos subiram 88%. E o governo ainda fala em criar zonas especiais de exportação, isto é, áreas onde as multinacionais gozarão de vantagens extras para produzir diretamente para o mercado externo.

Ocorre que o país já é, hoje, uma imensa zona especial, um verdadeiro paraíso das multinacionais, tipo Formosa, Cingapura,... Mas, com a crise mundial do capitalismo — nos Estados Unidos estão sendo fechadas várias fábricas de automóveis — os mercados internacionais ficam mais difíceis e, mesmo os entreguistas mais empedernidos, encontram-se em apuros para defender este caminho para a política econômica.

Como as coisas estão, o país fica cada dia mais dependente e não tem nem ao menos compensações imediatas que justifiquem a entrega tão descarada ao capital estrangeiro. No caso da indústria automobilística, apesar do crescimento fabuloso das exportações, no total, a produção do setor caiu 12,9% em relação ao ano anterior.

Deste modo, os próprios capitalistas, ao aplicarem até as últimas consequências suas receitas, sem remediarem as crises, fornecem, a contragosto, sólidos argumentos para a revolução.

O esforço de reorganização do movimento revolucionário

Há 70 anos o movimento operário foi sacudido por uma onda de entusiasmo e esperança. Pela primeira vez na história da humanidade os trabalhadores chegavam ao poder e estabeleciam, na Rússia, o sistema socialista. Mas, em meados da década de 50, a fortaleza do proletariado foi traída e retomada pela burguesia. A frustração e o descrédito se abateiram sobre boa parte do proletariado e das forças progressistas.

Hoje, quando a inflação, o desemprego, a corrupção e a degeneração moral assolam o globo, os povos percebem que urge encontrar uma forma de governo e de administração econômica que substitua o capitalismo. Mas reina ainda a dispersão e a confusão ideológica nas fileiras proletárias. Salvo algumas exceções, as organizações revolucionárias da classe operária ainda são débeis diante das exigências de luta dos trabalhadores. Independente disto, as condições objetivas levantam, cada dia com mais força, para as grandes massas, a indagação: como quebrar esta máquina apodrecida de opressão e exploração?

O socialismo, enquanto existiu na URSS, demonstrou o poder da ciência marxista-leninista e a capacidade da classe operária dirigir, com êxito, inclusive um grande país. Apesar das mil dificuldades enfrentadas em 1917, com a destruição e a fome causadas pela guerra, em todos os terrenos, na educação, na saúde, nas artes, na indústria e na agricultura, o novo sistema revelou-se indiscutivelmente superior ao velho regime burguês. A vitória das forças do socialismo e da democracia na 2ª Guerra Mundial, contra um aparato bélico jamais visto, mobilizado pelo imperialismo alemão, foi mais uma confirmação cabal da vitalidade do poder soviético.

Com a traição de Krushev e a degeneração do socialismo na URSS, o proletariado foi duramente golpeado. E as classes dominantes em todo o mundo aproveitaram o fato para desencadear uma vastíssima campanha visando sufocar as chamas da revolução. Apregoam aos quatro ventos que o socialismo é inviável e que o ideal revolucionário é um sonho ultrapassado. Aproveitam-se das mazelas do capitalismo, que foi sendo reconstruído na pátria de Lênin e Stálin, e apresentam-nas como sendo males do sistema socialista. Tomam a invasão da Tchecoslováquia e do Afeganistão para dizer que capitalismo e socialismo “é tudo a mesma coisa”.

Os resultados da degradingolada do partido e a conseqüente restauração do capitalismo na URSS foram desastrosos. Conquistas obtidas com imensos sacrifícios vieram abaixo. Sob influência do revisionismo krushovista, antigos partidos comunistas, que haviam alcançado prestígio entre os trabalhadores de seus países, retrocederam e se transformaram em agrupamentos oportunistas, defensores da colaboração de classe e das reformas graduais do capitalismo. O movimento comunista entrou numa crise profunda. Para grandes contingentes da população a perspectiva da revolução ficou turva. Muitos lutadores destacados capitularam ou desertaram, incorporando-se no modo de vida burguês.

A revolução contra a maré burguesa e o pessimismo

Entretanto, a revolução e a substituição do capitalismo pelo socialismo correspondem a uma necessidade objetiva do progresso humano. As derrotas, os erros, as traições, podem unicamente dificultar o caminho e adiar por certo tempo a realização das transformações sociais.

Na Albânia o proletariado e seu partido não se deixaram arrastar pela maré oportunista. O socialismo foi preservado neste pequenino e heróico país dos Balcãs. E o seu desenvolvimento e progresso, sem crises, sem desemprego e sem inflação, contrastam com o mundo capitalista.



Jornais de partidos comunistas de várias partes do mundo

Nadando contra a corrente burguesa e revisionista, partidos comunistas revolucionários ressurgem em várias partes do mundo. Enfrentam seríssimas dificuldades. Têm pela frente o intrincado problema de construir um destacamento de luta, marxista-leninista, numa conjuntura de desesperança e desânimo. Defendem a ideologia científica do proletariado numa situação onde os trabalhadores encontram-se aturdidos por uma gigantesca propaganda anticomunista. E divididos por um sem número de profetas e organizações que se declaram revolucionárias, cada um apontando numa direção — todos negando na prática a revolução proletária.

Não é fácil, nestas condições, um partido operário — que muitas vezes é submetido também a implacável perseguição política pelo aparelho de Estado burguês — obter rapidamente apoio de massas e crescer. Só uma atividade persistente, corajosa, como dizia o poeta, “com a certeza na frente e a história na mão”, pode vencer os obstáculos.

A ciência não aceita fórmulas pré-fabricadas

Atacado por todos os lados, nem sempre tem sido fácil ao movimento revolucionário da classe operária deixar de lado certa rigidez “na defesa dos princípios”. Particularmente no terreno da tática, não é raro o esquecimento da recomendação de Lênin de adotar “o máximo de flexibilidade” e procurar as formas adequadas para “abordar” a revolução.

Também em relação à atuação nos sindicatos e à participação nas eleições, não têm sido inusitadas as repetições de velhas fórmulas esquemáticas. Para não se misturar com “pelegos” e não colaborar com o “jogo parlamentar burguês”, vez por outra reaparecem as tendências de criar uma entidade pura, novinha em folha, ou de se omitir do curso político. Com isto, não se cumpre um requisito essencial do processo revolucionário que é o de ajudar as massas a fazerem sua própria experiência. Dimitrov advertia muito severamente, no 7º Congresso da Internacional Comunista, em 1935, que não são suficientes “a propaganda, a crítica e os apelos isolados à ditadura do proletariado”. E indicava que “os partidos devem desempenhar o papel de fator político na vida de seus países e aplicar uma ativa política de massas”.

Também no terreno das alianças momentâneas, dos acordos pontuais, no sentido de acumular forças e incorporar novos contingentes à luta política, muitas vezes o apelo cego à “luta de classes” acaba conduzindo à tentativa de marchar isoladamente para o combate. E em geral esta conduta vem acompanhada de justificativas com citações mecânicas dos clássicos, adaptadas artificialmente aos problemas do dia-a-dia.

Mas a ciência é sempre inimiga dos “pacotes”. A essência do pensamento científico é a análise concreta de uma situação concreta. Não existe outro caminho para os marxistas-leninistas senão o estu-

do e domínio aprofundado da doutrina de Marx e Lênin, sua aplicação concreta na análise da realidade de cada país e na formulação de uma política adequada para cada caso concreto.

Citando Goethe, Lênin lembrava aos que se afeerravam às fórmulas pré-estabelecidas que “cinzen-ta é a teoria e verde é a árvore da vida”. E não se cansava de repetir que o marxismo é um guia para a ação e não um dogma. Mas em nome de uma pretensa batalha contra o revisionismo, estes ensinamentos preciosos freqüentemente são esquecidos.

Estes tropeços, que são reais, não significam obstáculos intransponíveis. São parte do aprendizado em condições adversas. Não devem abater os que se comprometem com a construção de um novo mundo. De certa forma não faria mal lembrar as condições em que Marx e Engels, realizando um esforço sem limites, deram origem ao socialismo científico. E que apesar de terem consciência de que estavam nos primeiros passos de um movimento de novo tipo, em plano mundial, ousaram escrever, em 1848, no Manifesto Comunista: “Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução comunista! Os proletários nada têm a perder com ela, exceto as cadeias. Têm um mundo a ganhar”.

O próprio capital cria condições para sua derrota

Um observador desatento poderia dizer, ao deparar-se com o quadro de dificuldades do movimento comunista, que sua crise se prolonga indefinidamente. A tendência de quem não domina as leis do desenvolvimento social é de perplexidade diante dos problemas complexos. Não pode perceber que as organizações existentes, embora ainda relativamente débeis diante das necessidades dos trabalhadores, representam o novo e, por isto mesmo, nelas é que estão em geral, as esperanças de mudanças. Mesmo se uma ou outra perece ainda na construção dos alicerces, se aqui e acolá repetem-se as idas e vindas, sem que se veja de imediato a estruturação de um partido mais preparado para os embates, não há porque cair no desespero ou no desânimo. A revolução não depende do desejo de quem quer que seja. São as próprias contradições do sistema capitalista que criam as condições objetivas para a revolução. As massas trabalhadoras são “empurradas” para o combate, dia a dia, pelas condições materiais de sua existência. Inevitavelmente este processo leva também à criação de forças subjetivas, para a construção de uma vanguarda que saiba fundir a teoria marxista-leninista com o movimento espontâneo das massas.

O sistema capitalista encontra-se hoje num processo de rápido aguçamento de sua crise estrutural e suas crises cíclicas, além de se repetirem com um espaço de tempo mais curto, são cada vez mais graves. Milhões de pessoas são atingidas pelo desemprego. O desenvolvimento desigual das po-

tências capitalistas conduz a uma guerra econômica de grandes proporções. O Japão, que toma a dianteira no desenvolvimento tecnológico, ameaça seriamente a posição ocupada pelos Estados Unidos. As superpotências, EUA e URSS, disputam acirradamente a hegemonia mundial e, ao mesmo tempo, tratam de chegar a um entendimento para sufocar a competição de outras nações e, principalmente, barrar o ascenso do movimento revolucionário. As próprias disputas interimperialistas e o esforço de aumentar a opressão sobre as massas têm, como contrapartida, a exacerbação de todas as contradições do sistema. Estas condições abalam o poderio do capital e criam, por sua vez, as premissas da revolução.

Os revolucionários não têm, portanto, que chorar sobre as dificuldades. Os obstáculos que enfrentam são muitos e complicados, mas temporários, enquanto a burguesia se debate em problemas historicamente insolúveis. Os marxistas-leninistas de agora têm, ao lado das dificuldades, a experiência grandiosa da União Soviética — enquanto se manteve nos trilhos da revolução — e das lutas de libertação que, de uma maneira ou de outra, vêm se desenvolvendo em todas as partes do globo.

O Brasil não é exceção neste quadro. Não tem sido um mar de rosas a construção da organização de vanguarda da classe operária. As concepções revisionistas causaram danos de grande envergadura ao Partido Comunista do Brasil. E o processo de reorganização do partido foi realizado, no fundamental, sob a ditadura militar implantada desde 1964.

Hoje, em nosso país, é incrível o número de grupos que se intitulam comunistas, socialistas, revolucionários. Cada um oferecendo uma receita mais atraente para as doenças sociais — sempre, entretanto, com a preocupação de afastar o povo do socialismo científico.

Dentro do próprio PC do B não são poucas as tentativas da burguesia de alimentar elementos deformados pela ambição ou pela vaidade no intuito de destruí-lo por dentro. Apesar disto tudo, é forçoso reconhecer que os marxistas brasileiros têm sabido corrigir seus erros, afastar as falsas soluções, enfrentar as investidas das classes dominantes e ampliar suas ligações com as massas trabalhadoras. E, sem a presunção de ter a propriedade da verdade, estudar a realidade e procurar os meios para cumprir a sua missão revolucionária.

Em várias partes do mundo, seja sob a ditadura sangrenta de Pinochet, no Chile; seja sob o governo social-democrata que concilia com a direita em Portugal; nas difíceis condições de atraso da África, no Daomé e em outros países; no aparente paraíso burguês da Dinamarca; no Canadá, as bandeiras vermelhas vão se erguendo corajosamente, com o mesmo espírito dos comunardos que, em 1871, na expressão de Marx, ousaram tomar os céus de assalto. Por todo lado se repete o brado revolucionário: Proletários de todo o mundo, uni-vos!

(Rogério Lustosa)

XINGUARA

A morte de Felipe

No último dia 17 de dezembro, em Xinguara no Pará, foi assassinado covardemente o lavrador Felipe Soares de Souza. O crime praticado por pistoleiros do latifundiário Manoel de Sá, junta-se à lista interminável de homicídios que acontecem quase diariamente naquele Estado, sem que nenhuma medida legal seja tomada pelas autoridades competentes. O clima na cidade de Xinguara é tenso, a polícia militar dirigida pelo capitão Edson espalha o terror ameaçando a população.

Felipe Souza, filiado ao PC do B, possessor da fazenda Barreiro Preto (área de grande conflito de terra), foi mais uma vítima dessa violência. No dia 17 de dezembro último, por volta das nove horas da noite, Felipe se encontrava em sua casa, na cidade de Xinguara, onde funciona um pequeno comércio, quando foi abordado por um homem que lhe pediu cigarros. Ao virar as costas, sem nenhuma chance de defesa, ele foi barbaramente chacinado com 13 tiros, na frente de sua esposa e filhos.

Segundo José de Paula, dirigente do PC do B em Xinguara, existe uma grande articulação entre a polícia militar e o latifúndio, com o objetivo claro de liquidar os posseiros da fazenda Barreiro Preto, su-

postamente de propriedade de Manuel de Sá. “Lá, todos estão marcados para morrer”, afirmou José de Paula.

A LEI, ORA A LEI

O advogado Jorge Farias, no dia 7 de dezembro, havia entrado com pedido de *habeas corpus* na comarca da Conceição do Araguaia, em favor de Eraldino Cavalcanti (que já se encontrava preso desde o dia 25 de novembro), Felipe, Herminio e Argemiro — sendo os dois últimos diretores do sindicato dos trabalhadores rurais de Xinguara, todos ameaçados de prisão. No dia seguinte, já em Xinguara, o advogado encaminhou ofício expedido pelo juiz ao delegado. Entretanto no dia 9 de dezembro, Felipe foi intimado na delegacia para prestar depoimento. Ao sair da delegacia foi seguido por policiais e pistoleiros da fazenda Barreiro Preto. Jorge Farias comenta que, no dia 10, retornou à delegacia à procura do capitão Edson com o intuito de protestar contra a medida arbitrária e ilegal, pois Felipe estava sub-judice. Não encontrando o capitão entretanto, foi informado pelo delegado Raimundo Nonato que ele se encontrava na fazenda Rio Vermelho, um dos maiores latifúndios do sul do Pará.

É neste contexto de extrema violência e impunidade que a polícia, aliada ao latifúndio sob comando do famigerado capitão Edson, prende, tortura e mata lideranças populares, no sentido de coibir o avanço das lutas e amedrontar os trabalhadores na sua única forma de fazer a reforma agrária: trabalhando na terra, pois já viram que não adianta esperar providências das autoridades.

Outro caso marcante de injustiça ocorrido nesta mesma região foi a arbitrária prisão de Eraldino Cavalcante há cerca de um mês em sua própria casa, acusado de estar envolvido na morte de um policial na fazenda Barreiro Preto, sem nenhuma ordem judicial. Depois de muitos esforços do advogado Jorge Farias e da Fundação Paulo Fonteles, particularmente de sua presidente, Dona Carolina Fonteles, o Habeas Corpus foi julgado no Tribunal de Justiça do Estado na última seção do ano e foi deferido por maioria. Na segunda-feira, dia 4 de janeiro, Eraldino participou de uma reunião com todos os partidos políticos em Belém, onde se definiu a ida de uma caravana de entidades até o sul do Pará, onde se realizará um ato público no próximo dia 13, em Xinguara. (da sucursal)

Um brado contra a impunidade

O leitor Carlos Pereira de Rio Maria, Estado do Pará, enviou-nos carta que publicamos alguns trechos:

“Quero dar o meu alerta, através desta **Tribuna Operária**, a todas as autoridades federais e personalidades políticas que defendem a causa de nossos irmãos camponeses e trabalhadores da cidade, quero pedir-lhes apoio e ao mesmo tempo dizer-lhes o quanto é lamentável o desinteresse e o descaso mostrado pelas autoridades policiais e políticas do Estado do Pará, em esclarecer e punir assassinos e mandantes responsáveis por aqueles que foram trucidados por defender nossos interesses. Esses exemplos trazemos na alma, como foi o caso: Gringo, Benezinho, João Canuto, Padre Josimo e Paulo Fonteles.



Enterro de João Canuto: “até o céu chorou pela falta de justiça!”

“É triste ver com os próprios olhos como a família de Canuto viram a incompetência do ex-governador Jader Barbalho quando o visitaram em Belém. Mais triste ainda é sentir como o caso Canuto foi esquecido pelo governo Helio Gueiros e demais autoridades estaduais. Portanto, vou deixar aqui um caso quase esclarecido e peço que o ministro da Justiça e demais autoridades federais que se manifestem e cumpram com seus compromissos perante nossa sociedade, investigando e

punindo os responsáveis pela morte de nossos substituíveis e queridos companheiros, principalmente o caso do João Canuto, assassinado às 15h30 do dia 18/12/85, na cidade de Rio Maria. (...)

Peço a atenção das autoridades e que a Justiça seja feita. Durante todo o velório de João Canuto o céu chorou com seus familiares e essas lágrimas ainda caem por falta de justiça.

Tudo isso é verdade e mais cedo ou mais tarde a justiça será feita.”

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES/SP

Mais uma vitória do povo no 1.º de Outubro

Uma renhida luta foi travada no final do ano na Vila 1.º de Outubro e Vila 2 de Setembro para fazer com que a diretoria da União de Moradores local ficasse nas mãos de pessoas que sempre estiveram junto da luta dos moradores. Pessoas ligadas ao secretário de obras do Estado, João Osvaldo Leiva, jogaram tudo (e muito dinheiro) para conquistar esta entidade combativa — o que serviria para seus objetivos como futuro candidato a prefeito de São Paulo. Mas, Elgito Boaventura, que desde o primeiro dia esteve junto dos moradores na conquista daquela área, encabeçou a Chapa 2 e saiu-se vencedor.

Esta eleição também foi uma lição para os moradores que estão empenhados na melhoria das condições de vida para o seu povo. Mostrou que a burguesia é hábil e muitas vezes consegue arrebatar para o seu lado pessoas que até há pouco estavam na mesma batalha. Luzia Monteiro — que foi expulsa do PC do B e que agora trabalha para o bloco do Leiva e Almino Afonso — cooptou o antigo presidente da associação de moradores, Armando. A partir daí jogou pesado, tentando desmoralizar o principal líder da região e encabeçador da chapa 2, Elgito Boaventura.



Elgito, o novo presidente

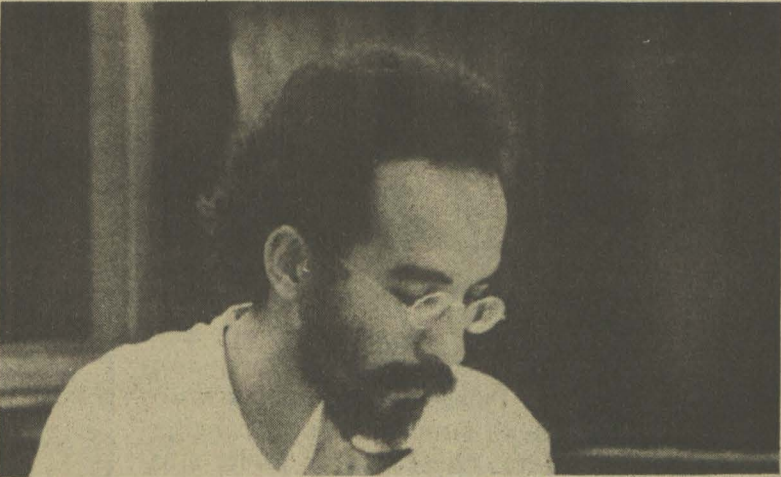
Nesta campanha suja os elementos da Chapa 1 se apresentavam como apolíticos e acusavam a outra chapa de ser ligada ao PC do B. Não contentes com isto visitavam casa por casa dizendo para os moradores votarem no Armando porque ele acreditava em Deus e que o Elgito era ateu. A Chapa 1 recorreu a métodos muito usados durante a ditadura. No dia 17, de dezembro três dias antes das eleições, Luzia Monteiro chegou com um oficial de Justiça no bairro para requisi-

tar as fichas dos filiados à associação.

MANOBRA FRACASSA

Apesar de todas as mentiras espalhadas pela Chapa 1, do dinheiro usado com fatura por eles, o povo soube escolher aqueles que realmente lutam por seus interesses. Elgito foi eleito e os moradores fizeram uma grande comemoração pela vitória. Na festa, um refrão era cantado pelo povo: “Olê, olê, é piada de salão / Luzia trabalhando pro Leiva / com dinheiro do Almino / dizendo que é do povão”.

Esta é uma vitória especial, pois os moradores do 1.º de Outubro e 2 de Setembro tem uma tradição de lutas. A área foi ocupada no dia 1.º de outubro de 1981. Onde antes era um terreno vazio na Zona Leste de São Paulo hoje está totalmente ocupada com casinhas simples feitas pelos próprios moradores. Lutaram bravamente contra as várias tentativas de despejos feitas pela polícia até que o terreno foi desapropriado pelo governador Franco Montoro e vendido por preços acessíveis aos moradores. Dirigindo todas estas mobilizações esteve Elgito. Mais uma vez o povo reconheceu o seu líder.



Alvaro Gomes, presidente do Sindicato dos Bancários

BANCÁRIOS BAHIA

Onda de demissões

A recém-eleita diretoria do Sindicato dos Bancários da Bahia iniciou sua gestão enfrentando um grave problema: as demissões nos bancos. Segundo informações dos próprios banqueiros, estão previstas mais de 6 mil dispensas no Estado. O Banco Econômico, por exemplo, deu a arrancada na onda de demissões e “com grande crueldade”, denuncia Alvaro Gomes, presidente da entidade sindical dos bancários.

“Funcionários com 29 anos de trabalho foram dispensados sumariamente. Até mesmo funcionárias grávidas, como é o caso da bancária Ana Maria Lima que estava no oitavo mês de gravidez, foram para o olho da rua, num caso inédito na categoria e que

constitui uma afronta à legislação em vigor”, comenta Alvaro Gomes.

Ainda de acordo com o presidente do sindicato, o clima de terror e revolta no seio da categoria é grande. “Os bancários não aguentam mais tanto sacrifício. Os salários estão totalmente defasados e com as demissões a situação da categoria se agrava ainda mais. Só existe um motivo para estes atos abusivos: a ganância dos banqueiros que querem aumentar sua lucratividade às custas dos bancários e da clientela”, afirma. A nova diretoria da entidade tem se esforçado para mobilizar a base no sentido de oferecer resistência a ofensiva patronal e barrar a onda de demissões. (da sucursal)

PERNAMBUCO

Recorde de Greves

Refletindo o quadro nacional de insatisfação popular, o balanço das mobilizações de massa em Pernambuco mostra que 1987 foi um ano de grandes lutas. Segundo a Delegacia Regional do Trabalho do Estado, registrou-se nesse período o maior índice de eclosão de greves dos últimos 25 anos. Por sua vez, o Departamento de Trânsito de Recife contabilizou mais de 100 passeatas — desde protestos contra a poluição dos rios até a manifestação pela reforma agrária que reuniu mais de 5 mil trabalhadores rurais e populares.

A capital pernambucana, Recife, foi a mais agitada do Estado. Ocorreram 120 paralisações durante o ano — uma média de 10 por mês. Algumas tiveram curta duração, como a dos professores da Universidade Católica, marceneiros e vigilantes. Outras, como a dos previdenciários, professores das Universidades Federal e Rural vararam semanas tal a disposição dos grevistas de brigarem por seus direitos. Novembro apresentou-se como o mês recorde de greves, verificando-se 25 paralisações; janeiro registrou o menor número, com apenas duas

paralisações, a dos motoristas de ônibus e dos funcionários das empreiteiras da Chesf.

PERSPECTIVA DE LUTA

Numa análise ainda superficial, destacaram-se nesse ascenso do movimento popular em Pernambuco os servidores públicos federais e estaduais, que lideraram em números de paralisações por categoria. Do ponto de vista político, a greve de maior repercussão foi a dos canavieiros da Zona da Mata. Já os urbanitários demonstraram grande determinação de luta na greve geral de 20 de agosto. O ano também trouxe de volta às ruas os estudantes secundaristas, que realizaram várias manifestações.

Para o ano que se inicia, a previsão é do aumento da mobilização. Tanto sindicalistas, como lideranças populares e mesmo autoridades governamentais concordam que a crise econômica acirrará os ânimos. A palavra crise deverá tomar conta dos principais comentários acerca da situação nacional e 88 terá uma agenda cheia de novas batalhas. (Jair Pereira, da sucursal)

Vitórias da Viração

A tendência estudantil Viração fechou o ano de 87 com chave de ouro, obtendo grandes vitórias em dezembro nas eleições dos DCEs das Universidades Federais da Bahia e Sergipe. Vencendo com larga margem de votos, as chapas apoiadas por Viração — Revertério (BA) e Reviravolta (SE) — prometem tirar as entidades do imobilismo no qual as diretorias passadas as mergulharam. Ambas as vitórias representam uma resposta dos estudantes à política de partidização e exclusivismo desenvolvida pela atual diretoria da UNE, vinculada ao PT.

Demissões na Cosipa

Para protestar contra as demissões na Cosipa, feitas em represália à greve do final do ano passado, cerca de 100 metalúrgicos desempregados realizaram manifestação em frente ao prédio da empresa estatal na capital paulista no último dia 5. Segundo o sindicato da categoria, até agora a Companhia Siderúrgica Paulista, sediada em Cubatão, já demitiu 275 trabalhadores. A razão das dispensas é puramente política e visa atingir as principais lideranças operárias e desmoralizar a luta dos trabalhadores. Além de repudiar a atitude arbitrária da Cosipa, os manifestantes também exigiram a imediata retomada das negociações com a junta interventora da empresa, nomeada em novembro pelo governo federal. Os metalúrgicos discutem nesse final de semana a possibilidade de uma nova greve, desta vez para barrar as demissões.

Agressão aos índios

No dia 14 de dezembro a índia Júlia Macuxi sofreu agressões físicas e morais na sede da Funai de Roraima. O agressor foi o responsável pelo órgão público Esmeraldino Silva Neves. A denúncia está sendo divulgada pelo Comitê de Solidariedade aos Povos Indígenas de Roraima, que emitiu uma nota de repúdio “à bárbara atitude do administrador, que contraria não só os princípios dos direitos humanos elementares, como também os objetivos para os quais aquela Fundação foi criada”.

Roraima é a unidade da federação onde se concentra o maior número de indígenas do país. Ao todo são mais de 36 mil índios, cerca de um terço da população do território. As agressões contra estes povos são constantes e partem das autoridades governamentais, dos grandes mineiros e poderosos fazendeiros. O Comitê de Solidariedade, nascido por iniciativa de entidades populares, visa apoiar os povos indígenas em sua luta pela sobrevivência física e cultural e denunciar as inúmeras e selvagens arbitrariedades cometidas contra os índios. Luta também pela criação do Parque Yanomani, pela demarcação das terras indígenas e pela autodeterminação dos povos indígenas. (da sucursal)

Caiado repudiado

A passagem de Ronaldo Caiado por Cruz Alta, município do Rio Grande do Sul, não foi tranquila. Este médico, conhecido em Brasília como o “fazendeiro Almofoadinho”, é presidente nacional da UDR — União Democrática Ruralista — embrião de um partido fascista defensor do que há de mais atrasado em nosso país: o latifúndio. Em meados do mês passado, a UDR da região trouxe Caiado para explicar os objetivos da entidade aos proprietários de Cruz Alta. Levantaram-se contra a sinistra visita vários setores progressistas e democráticos da cidade, liderados pela Frente Popular, representantes da Diocese do município, entre outras personalidades. A Frente, que reúne partidos políticos como o PC do B, o PCB, o PT, o PSB e a Igreja, promoveu manifestações e fez publicar notas de repúdio nos jornais locais, protestando contra a ação nefasta e antipatriótica da UDR, que tudo faz para emperrar qualquer avanço no sentido da democratização da posse da terra no Brasil. (da sucursal)

Pelego desmoralizado

Em Mondai, no extremo oeste do Estado de Santa Catarina, realizou-se no último dia 11 de dezembro, a assembleia geral dos professores da região para eleição e posse da nova diretoria de sua entidade representativa. Os membros da categoria mais preocupados com os rumos que a antiga direção dava à associação, procuraram se apresentar para compor a nova direção. O pelego Adolfo Wagner mancomunado com o diretor da 12.ª CRE, Pedro Averbek, conhecido por suas truístias e perseguições aos professores progressistas partiu para a agressão e ameaças aos que compareceram à assembleia dizendo que o engungamento da máquina administrativa estadual seria feita às custas do professorado. Em seguida, agrediu os partidos progressistas, citando nominalmente o PC do B, o PT e o PDT além da Igreja acusando-os de incitar à violência e à anarquia geral.

Não à corrupção na Sabs

A manutenção do caráter de luta das Sociedades Amigos de Bairro — as Sabs — não é tarefa fácil. O poder corruptor das prefeituras é grande no sentido de afastar os presidentes deste tipo de entidade de suas bases, oferecendo-lhes cargos públicos em troca de apoio político em detrimento das reivindicações do bairro. Foi o que aconteceu no Jardim Santo Afonso, na região de Guarulhos, em São Paulo. A sociedade amigos deste bairro, com sete anos de vida, acabou ficando nas mãos de José da Silva Souza que assenhorou-se de todo o material da Sabs, foi nomeado funcionário fantasma da prefeitura e ainda por cima manobra com os tickets de leite, segundo denúncia dos moradores. Mário Carneiro, liderança reconhecida da região, não se conforma com a situação de abandono em que se encontram as ruas do bairro: “O caminhão de lixo só passa uma vez por mês, quando passa. O mato cresce por todo o lado, abrigam

do insetos e ratos. Esgoto não existe. O transporte público é raro e de péssima qualidade. Enquanto isso, a nossa Sociedade Amigos está inerte, sem fazer nada. Mas não vamos ficar de braços cruzados. Já corremos um abaixo-assinado exigindo a realização de eleições para a renovação da atual diretoria da Sabs do Jardim Santo Afonso, para podermos enfrentar os problemas da periferia, sempre discriminada em relação aos grandes centros”.



Mário Carneiro, de Guarulhos

HENFIL (1944-1988)

Uma dor assim pungente...

O Brasil chora a morte do Henfil. Vítima da Aids, contraindo devido a uma transfusão de sangue (ele era hemofílico — veja matéria abaixo), Henrique de Souza Filho faleceu na noite de 4 de janeiro, no Rio, no momento em que, em São Paulo, era realizado o show “Bomba H”, em sua homenagem. Participaram do espetáculo artistas como Jô Soares, Chico Anysio, Luís Fernando Veríssimo, Agildo Ribeiro, Chico e Paulo Caruso etc. Somente ao final do show a platéia foi comunicada da morte do artista.

Henfil nasceu em Ribeirão das Neves, Minas, em 1944. Estreou na imprensa em 1964, na revista “Alterosa”, editada por Roberto Drummond em Belo Horizonte, publicando Baixim e Cumprido — os Fradins. Personagens que o consagraram no país inteiro quando publicados no “Pasquim”, a partir de 1969.

Desde o início, o cartunista realiza um humor amargo, impiedoso, naquele Brasil da ditadura dos generais Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel, Figueiredo. Demonstra, seu comprometimento aberto, sem escamoteações, com os setores populares e progressistas da população.

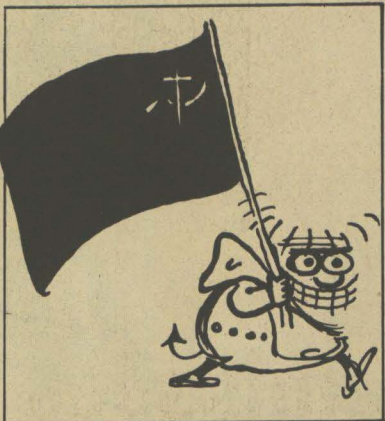
Ainda no início de sua carreira, começou a fazer charges sobre futebol para a edição mineira do “Jornal dos Sports”, transferindo-se depois para o Rio de Janeiro, trabalhando nesse mesmo jornal e incorporando-se ao “Pasquim”.

A partir de 1970, começa a trabalhar também para o “Jornal do Brasil”, onde apresenta Graúna, o bode Orelana e Zeferino e suas aventuras na caatinga. Passa também a colaborar com jornais sindicais e estudantis, numa atuação política que buscava um contato mais direto com os trabalhadores. Suas charges denunciavam as condições de vida do povo, a censura, as perseguições políticas...

Em fins de 1975, juntamente com o crítico musical Târik de Souza, cria Ubaldo, o paranoico — um brasileiro apavorado com as perseguições políticas que, porém, não estão somente em sua cabeça, mas ocorrem pelo país afora.

CUCARACHA

Nesse meio tempo, Henfil passou pelos Estados Unidos, onde foi tratar da saúde com balada e buscar penetrar no mercado editorial ianque. A tentativa de trabalhar na terra do Tio Sam fracassa, mas anos depois ele publica suas cartas aos amigos brasileiros, escritas nesse período, no livro “Diário de um cucaracha” (o nome pejorativo com que os racistas chamam os latino-americanos nos EUA).



Henfil e seus personagens: além da charge, sua produção na TV, teatro e cinema também revelam a vinculação com os interesses populares e a luta por um mundo onde todos vivam com dignidade

Nesse livro, registra: “O erro nosso é achar que o americano vai aceitar um humor de fora. É um sonho achar que isto aqui está aberto para o mundo. Nunca!”

Viaja também para a Europa, onde é “discriminado como árabe na França e como turco na Alemanha”. Uma outra viagem sua viria livro: “Henfil na China”. Mas é no Brasil mesmo que ele se realiza.

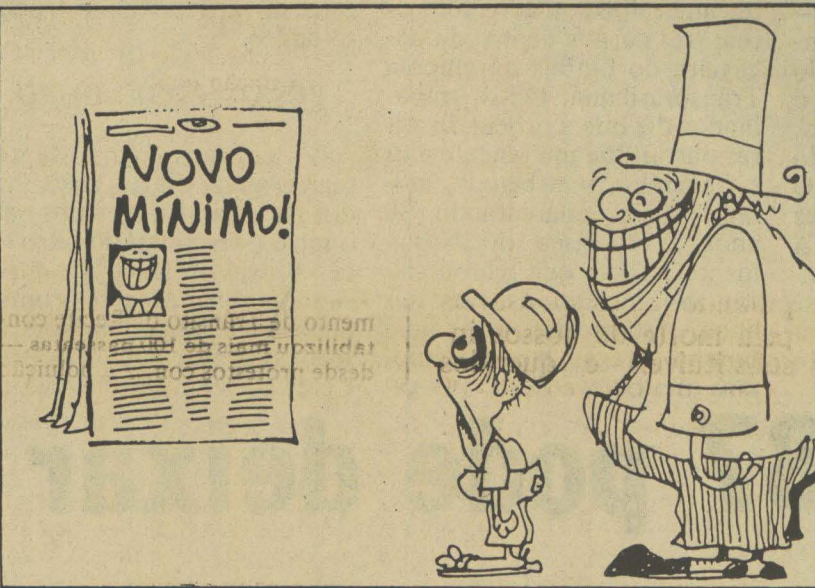
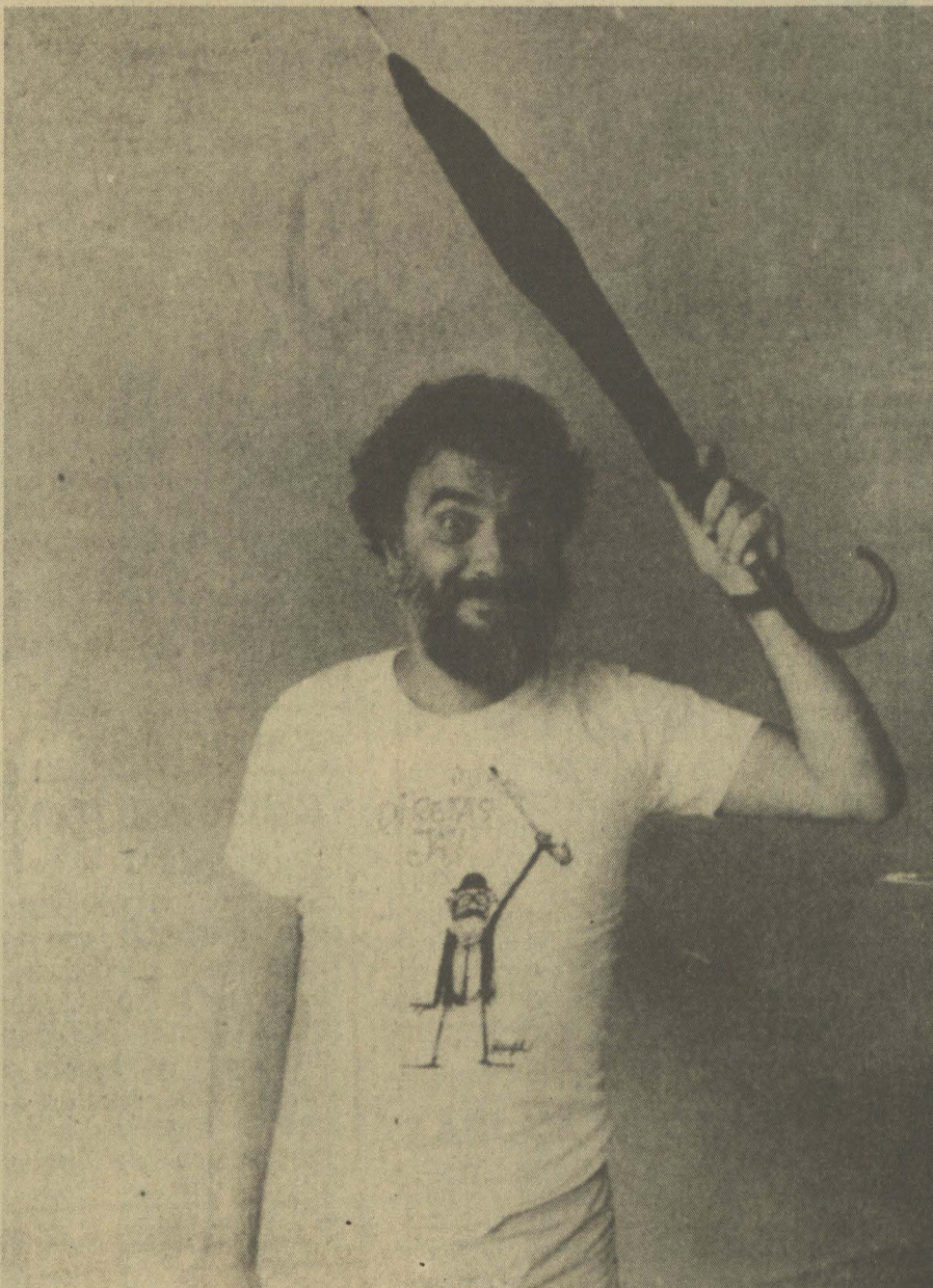
A partir de 1977, na revista “Isto É”, publica suas “Cartas à mãe”. Semanalmente denuncia as prisões, a situação dos exilados — um de seus irmãos, Betinho, não podia regressar ao país devido à militância política-, a opressão dos trabalhadores. Também estas cartas serão, posteriormente, reunidas em livro.

Quando setores da intelectualidade saem abertamente em defesa de uma arte e cultura sem comprometimento com os interesses populares e faz em campanha contra o que chamam de “patrulhas ideológicas”, Henfil, ironicamente, cria a “patrulha odora”, aquela que, servindo à direita, denuncia tudo o que é progressista e avançado.

APOIO À T.O.

Em 1979, ao ser lançada a Tribuna Operária, Henfil apóia a imprensa popular que ressurgiu legalmente no país, publicando no nosso jornal — então quinzenário — suas charges.

Nos anos 80 o cartunista ensaia também incursões no mundo da televisão. Cria, dentro do programa “TV Mulher”, o quadro “TV Homem” — em preto e branco, dentro da multicolorida programação global. E faz charges animadas no “Jornal da Globo”. Mas a passagem pela TV não tem longa duração. Em entrevista à T.O., registra: “Na Globo você começa a assinar contrato, com aquela coisa do alto capitalismo. A coisa é no papel, por-

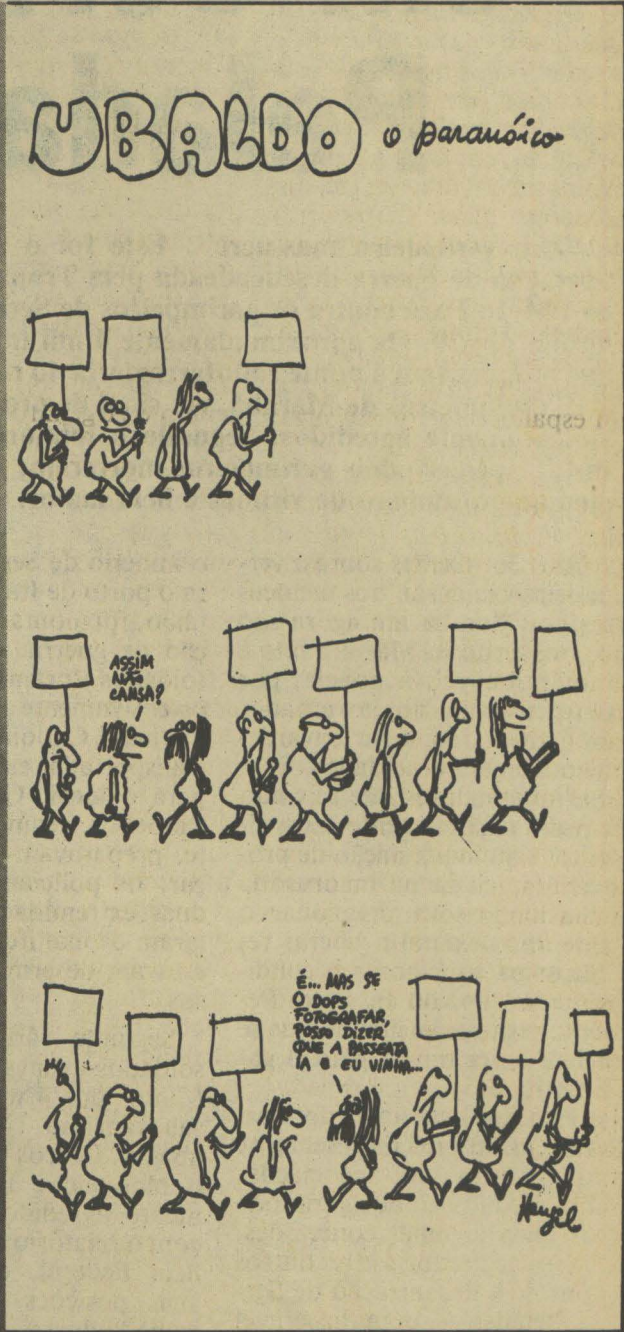


centagem... Tudo cheio de organograma. Alguns meses depois que eu sai de lá, recebi uma carta da produção. Um documento permitindo que eu voltasse a usar — sem nenhum vínculo com a Globo — o nome ‘Henfil’. Quer dizer, até o meu nome não era meu, mas dela! Uma coisa de doido”.

Depois de uma incursão no teatro com a “Revista do Henfil”, o cartunista tentou também o cinema. Seu filme “Tanga — deu no New York Times”, realizado quando ele já estava contaminado pela Aids, deve ser lançado neste ano.

As participações políticas de Henfil foram de um ritmo fe-

bril. Atuou com Teotônio Vilela, quando o velho senador alagoano assumiu posturas profundamente democráticas. Entrou de peito aberto na campanha pelas diretas-já. Participou das campanhas eleitorais do PT — partido que ajudou a fundar. Por vezes suas posições políticas levaram-no a um certo isolamento. Porém a dignidade com que atuava garantiu-lhe o respeito das correntes políticas democráticas com as quais tinha eventuais divergências. Sua morte priva os brasileiros da convivência com um artista vigoroso, inquieto, vinculado às lutas de seu tempo. (Carlos Pompe)



Hemofílicos ameaçados

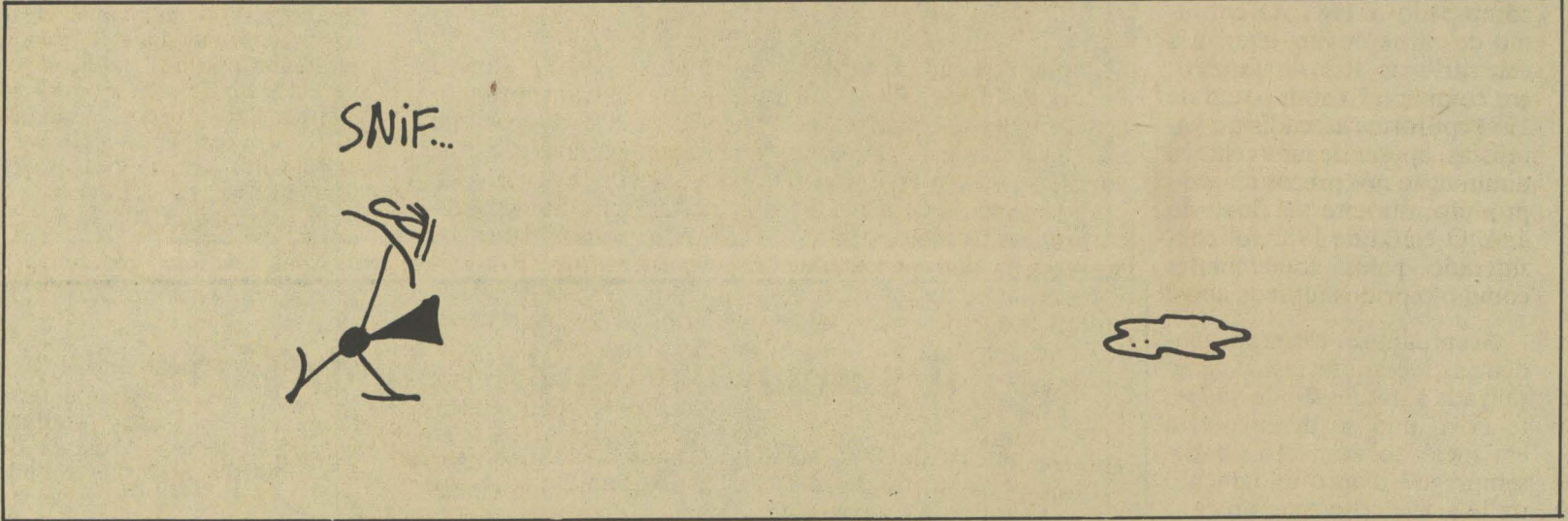
“Henfil não pode morrer”, “Sangue não é mercadoria”, “Comércio de sangue mata”. Estas eram algumas das faixas colocadas por funcionários do Hospital Evandro Chagas, durante o enterro de Henfil dia 5, no Rio. São os profissionais da saúde denunciando o verdadeiro crime cometido contra a população nas transfusões de sangue sem nenhum controle, visando unicamente o lucro.

“Salvem o sangue do povo brasileiro!”, bradou o cartunista Ziraldo. “Henfil morreu devido à omissão política do governo. Omissão consciente de um governo que sabe o que tem que fazer, fala que está fazendo e, na verdade, não está fazendo nada para evitar que os hemofílicos morram de Aids”, denunciou Hebert

de Souza, irmão de Henfil e também aidético (assim como seu outro irmão, Francisco Mário) devido à transfusão de sangue contaminado.

Para o presidente do Grupo de Apoio e Prevenção à Aids, Gapa, Paulo Bonfim, “o assassino de Henfil é o governo brasileiro que não conseguiu nem mesmo controlar os bancos de sangue, um problema já superado por vários países. Assim 84% dos hemofílicos correm o mesmo risco.”

Segundo o Ministério da Saúde, existem 6,5 milhões de hemofílicos no país. No eixo Rio São Paulo, de 70% a 84% dos hemofílicos estão contaminados pelo vírus da Aids, seguido do Pará com 27%, Brasília com 25% e Paraná com 24% de hemofílicos contaminados.



Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 — Bela Vista — São Paulo — SP — CEP 01318 — Telefone: 36-7531 (DDD 011) — Telex: 1132133 TLOBR
Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira
Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Olívia Rangel, Bernardo Joffily
ACRE: Rio Branco: Edifício Felício Abrahão, 2º andar, sala 32 — CEP 69900
ALAGOAS — Arapiraca: Pça. Luís Pereira Lima, 237 Sobreloja CEP 57000
Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 — Centro — CEP 57000
AMAZONAS — Manaus: R. Simon Bolívar, 231 (ant. Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — Rua João Pessoa 53, São Lázaro. Fone: 237-6644 — CEP 69000
BAHIA: Camaçari: R. José Nunes de Matos, 12 — CEP 42.800
Feira de Santana: Av. Sr. dos Passos, n° 1399 — 2º andar — sala 1415 — CEP 44100

lho, 821 Centro — CEP 77100
MARANHÃO — São Luís: Rua Osvaldo da Cruz, 921 Centro Fone: 221.5440 CEP 65000
MATO GROSSO — Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548 Fundos CEP 78030 — Fone 321-5095
MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande: Rua Maria Madalena, 5 CEP 79010
MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Rua Padre Belchior, 285 Centro — Fone 224-7605 — CEP 30000
PARÁ — Belém: Rua Manoel Barata 993 CEP 66000
PARAIBA — João Pessoa: Pça. 1817 n° 116 2º andar Centro CEP 58020

gre: Rua Vig. José Inácio, 687 3º andar CEP 90020. Caxias do Sul: Rua Bento Gonçalves, 2049 CEP 95100. Canoas: Rua Tiradentes, 130 sala 405 CEP 92100. Cruz Alta: Rua João Manoel, 433 CEP 98100. Pelotas: Rua Tiradentes, 2394 1º andar CEP 96010. Santa Maria: Rua Mal. Floriano Peixoto, 1357 Fundos — CEP 97100. Novo Hamburgo: Rua Lucas de Oliveira, 96 sala 6 CEP 93510. Rio Grande: Rua Gal. Vitorino, 746-A CEP 98200. RIO DE JANEIRO — Rio de Janeiro: Rua 1º de Março, 8 2º andar Fone: 252-9935 CEP 20000 — Niterói: Av. Amarál Peixoto 370 sala 808 Centro — CEP 24000. Duque de Caxias: R. Nunes Alves, 40 sala 101 CEP 25000. Nova Iguaçu: Trav. Renato Pedrosa, 33 sala 319 CEP 26000. SANTA CATARINA — Florianópolis: Pça. XV de Novembro 21 sala 705 Caixa Postal: 1231 CEP 88075. SÃO PAULO — São Paulo: Rua Condessa de São Joaquim, 272 Fone 277-

3322 CEP 01318 Bela Vista. Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281 sala 6 CEP 13470. Botucatu: R. Armando de Barros, 817 1º andar sala 2 CEP 18600. Campinas: Rua Senador Saraiwa, 448 Fone 2-6345 CEP 13100. Marília: R. Dom Pedro 180 CEP 17500. Osasco: Rua Ten. Avelar Pires de Azevedo, 20-2º andar, sala 12 CEP 06000. São Carlos: Av. São Carlos, 2119 Caixa Postal 533 CEP 13560. Taubaté: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 CEP 12100. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195 1º andar sala 19 CEP 12200. Guarulhos: R. Pe. Celestino, 42 sala 8 2º andar CEP 12200. SERGIPE — Aracaju: Rua Itaberalina, 145 sala 104 CEP 49010

A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, Pastas, Fichas e Impressão: Cia. Editora Jorões. (Fone: 815-4999) São Paulo SP.

Massacre em Serra Pelada

“Um verdadeiro massacre”. Este foi o resultado da operação de guerra desencadeada pela Tropa de Choque da PM do Pará contra os garimpeiros de Serra Pelada no último dia 29. Os aproximadamente 4 mil trabalhadores, que bloqueavam a ponte rodoferroviária no rio Tocantins, a 10 quilômetros de Marabá, em sinal de protesto, foram violentamente agredidos. Segundo o relatório oficial da PM, “apenas” dois garimpeiros morreram, mas tudo indica que o número de vítimas é bem maior.

As informações sobre a verdadeira dimensão dos incidentes em Marabá até agora são controvertidas. Mas um fato é inquestionável: a polícia, por determinação do governador Hélio Gueiros, agiu covardemente e com crueldade contra os trabalhadores que reivindicavam pacificamente seus direitos. A manifestação de protesto, iniciada na madrugada anterior, visava pressionar o Governo Federal a liberar recursos para melhorar as condições de trabalho em Serra Pelada, principalmente no que se refere à segurança para o garimpo.

Poucas horas antes do massacre, o próprio representante do governo nas negociações com a comissão dos garimpeiros fazia algumas concessões. Ficou acertado, entre outros pontos, a urbanização de Serra Pelada — uma miserável “favela” que reúne cerca de 80 mil pessoas — e a retirada de 250 mil metros cúbicos de terra, o que permitiria o reinício da busca do ouro em maior segurança. Mas o que poderia ser considerada uma grande vitória, acabou virando uma tragédia em função da truculência da PM.

CERCO COVARDE

Para desobstruir a ponte rodoferroviária, por onde esco-

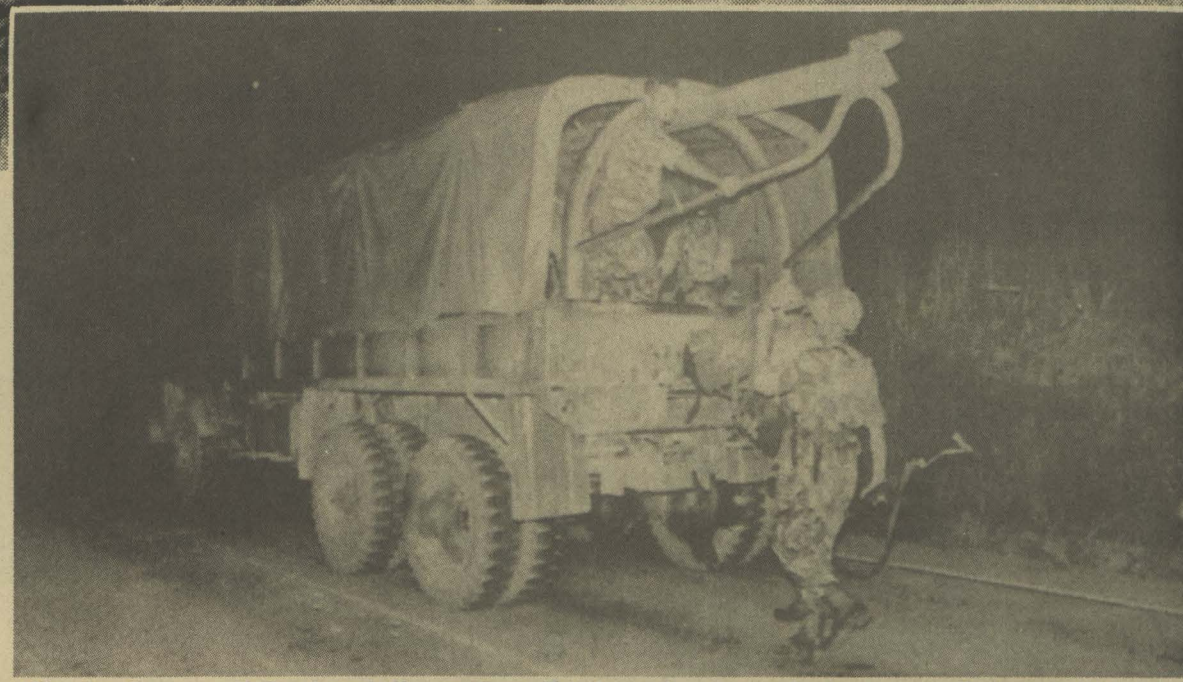
o minério de Serra Pelada para o porto de Itaquí, no Maranhão, foi montada uma operação de guerra. Cerca de 400 soldados foram mobilizados, ostensivamente armados. A Tropa de Choque de Belém foi transportada em dois aviões para o local. Quando os garimpeiros, acampados na ponte, preparavam-se para almoçar, os policiais cercaram as duas extremidades e encurralaram os manifestantes — que estavam desarmados e indefesos.

Segundo vários relatos, os soldados avançaram atirando. Muitos dos 4 mil garimpeiros saltaram no rio, 70 metros abaixo. Outros tentaram furar o bloqueio e foram selvagemmente agredidos. De acordo com o relatório da própria Polícia Federal, conhecida por suas posições contrárias aos trabalhadores, 133 garimpeiros estão desaparecidos — possivelmente mortos ou embrenhados na mata, temendo nova repressão policial. Já o delegado Wilson Perpétuo, que esteve no local coletando informações, é taxativo: “O que houve aqui é que a PM fez um verdadeiro massacre”. A PM do Pará, por sua vez, emitiu um nota oficial dizendo-se estar “com a consciência tranquila” e anunciando “apenas” duas mortes.



O relato dos garimpeiros, entretanto, não deixa dúvidas. Vários deles, inclusive o delegado do Sindicato dos Garimpeiros, Edson Sabino da Silva, lembram de uma gestante de sete meses que foi atingida por um tiro na barriga e, em seguida, lançada no rio Tocantins. Sobre os corpos desaparecidos, os trabalhadores garantem que a PM está ocultando os cadáveres para não prestar contas do massacre. Muitas vítimas da polícia foram despachadas em peruas kombi, segundo os garimpeiros.

Antônio Bernardo Pereira, garimpeiro, afirma que viu um tenente e dois soldados colocarem três corpos dentro da bagageira do ônibus da empresa Transbrasiliana. Outro trabalhador diz que a ordem de atirar partiu “de um tenente alto e franzinho, sem bigode, moreno claro, aparentando 30 anos”. Francisco do Nascimento lembra que tentou salvar um menino de uns seis anos, estonteado por uma bomba de gás lacrimogênio, mas não obteve êxito. “O ga-



Além das duras condições de trabalho em Serra Pelada, garimpeiros enfrentam a truculência policial

roto foi atirado no rio pelos soldados.”

PESADELO DO OURO

O massacre em Marabá marca ainda mais a dura vida dos garimpeiros, atraídos para o local pelo sonho do ouro fácil. A exploração do garimpo, situado numa área de propriedade da Companhia Vale do Rio Doce, teve início em 1979. Cerca de 80 mil trabalhadores

se deslocaram para lá, abandonando suas famílias, e passaram a viver em condições subhumanas. Durante esse período, Serra Pelada ganhou destaque pela violência. De um lado, a polícia, com as constantes agressões; de outro, os comuns desabamentos de terra, que já deixaram soterrados centenas de garimpeiros. Em agosto do ano passado, por exemplo, um desmoronamento de terra resultou

em 7 vítimas fatais e 34 feridos.

Exatamente para exigir melhores condições de segurança, é que os garimpeiros realizaram várias manifestações de protesto contra o Governo Federal — o comprador oficial de todo o ouro extraído em Serra Pelada. A última delas, a ocupação da ponte sobre o rio Tocantins, vira um marco nessa luta pela crueldade e covardia das classes dominantes.

Preços: 87 pode deixar saudade?

O ano de 1987 findou de forma amarga para os trabalhadores. A inflação oficial de dezembro a 14,14%, a maior desde a implantação do Plano Bresser em junho. E o acumulado nos 12 meses bateu o recorde histórico, atingindo 365,9%.

Pior, entretanto, é que 1988 promete uma escalada inflacionária ainda maior. A evolução dos preços nos últimos meses + alta de 9,18% em outubro, 12,84% em novembro, além de 14,14% em dezembro, segundo a coleta realizada pelo IBGE — configura um movimento ascendente que tende a se agravar razoavelmente, neste primeiro trimestre. Uma trajetória, aliás, parecida com a verificada no início do ano de 1987, quando a inflação subiu a 13,94% em fevereiro, 14,4% em março, elevando-se para mais de 20% em abril, 23% em maio e 26% em junho.

DISPARADA

A disparada dos preços tem sido particularmente rigorosa no caso de alguns produtos de grande consumo popular. O arroz, por exemplo, subiu 21,57% em dezembro, o óleo de soja 48,26% e as passagens de ônibus chegaram a alturas estonteantes (veja o box).

O leite tipo B em São Paulo já está custando Cz\$ 40,00 o litro, forçando o consumidor a um dispêndio de Cz\$ 1.200,00 ao mês para a aquisição de um litro por dia. Remédios, que sofreram uma alta de 23% entre 15 de novembro a 10 de dezembro, no final do mês passado tiveram seus preços novamente reajustados, por autorização do governo, em até 187%, como foi o caso do Periatim BC 240 mg, que passou de Cz\$ 58,45 para Cz\$ 167,87.

Em meados de um mês o preço da cerveja (litro) pulou de Cz\$ 35,00 para Cz\$ 70,00, em razão do ágio generalizado no atacado e no varejo. Na última semana foi anunciado um novo aumento dos cigarros, enquanto os proprietários de padarias pressionam por um outro reajuste nos preços do pão.

ARROCHO E RECESSÃO

A defasagem entre salários e preços tem sido brutal, como pode ser observado na tabela publicada abaixo. Conforme as variações captadas pelo Dieese no período de novembro de 1986 a novembro de 1987, enquanto o leite subiu 603,5%, o pão 555%, o açúcar 516%, o Salário Mínimo foi reajustado em apenas

273,1%. Posteriormente, no final de dezembro, o mínimo foi novamente corrigido, passando a Cz\$ 4.500,00, contudo o aumento pouco significou em termos de recomposição do poder de compra, visto que os preços continuaram em disparada.

Já a Unidade de Referência de Preços (URP), que substituiu o gatilho como índice para reajuste salarial, foi estabelecida em apenas 9,19% para os meses de dezembro, janeiro e fevereiro. Em decorrência do arrocho, verifica-se uma queda vertiginosa no consumo interno de mercadorias. O comércio logista registrou um declínio de 26% a 40% das vendas nas capitais em 1987 comparado a 1986. O consumo de carne bovina chegou a cair 40% no Rio de Janeiro, em comparação com o ano de 1984 conforme atacadista e varejistas, apesar de uma relativa diminuição nos preços reais do produto durante o final do ano. O Natal de 1987 foi considerado pelos comerciantes como o pior dos últimos anos.

Acentuam-se, assim, as tendências recessionistas. É generalizada a impressão de que este novo ano se desenvolverá em meio ao aumento do desemprego e o aprofundamento da já grave crise econômica.



Passagens em alturas estonteantes. O povo não gosta e é possível que cenas como a da foto virem rotina

A sanha altista do senhor Jânio

De janeiro de 1986 até o presente, as tarifas de ônibus na capital paulista passaram de Cz\$ 1,50 a Cz\$ 20,00, ou seja, um aumento de 1.234%. Enquanto isso, o óleo diesel teve seu preço elevado de Cz\$ 3,10 para Cz\$ 17,40, ou 461%. E, no mesmo período, o salário mínimo foi de Cz\$ 804,00 para Cz\$ 4.500,00, perfazendo 459% apenas de reajuste. O Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), por outro lado, foi aumentado pela administração janista, em até 1800%. Não contente, a Prefeitura elevou o imposto dos que estacionam nas calçadas para Cz\$ 27 mil.

Diante da orgia desenfreada dos aumentos de preços pode-se dizer com segurança que o prefeito-viajante extrapolou em muito as elevações mais descabidas.

No caso do aumento dos ônibus, além do repúdio explícito da população que também radicalizou, já existe uma representação junto ao Ministério Público para que seja ajuizada uma ação civil pública contra o aumento das tarifas. Com relação ao aumento do IPTU, vários tributaristas de renome aconselham os municípios a não pagarem esses aumentos absurdos, e a anuírem

com mandato de segurança contra a Prefeitura.

Como se não bastasse toda esta sanha aumentista, o prefeito através de seu preposto Antonio Sampaio, articula a taxa de reuniões públicas em suas diversas modalidades: manifestações “pequenas”, Cz\$ 6 mil; as “médias”, Cz\$ 10 mil, as de “grande porte”, Cz\$ 20 mil! Resta saber agora, qual vai ser o tribunal que estabelecerá o critério para se dizer se uma manifestação é grande ou pequena. Afinal de contas, a cidade de São Paulo já foi palco de mobilizações de quase 2 milhões de pessoas.

A DISPARADA DOS PREÇOS				
PRODUTO	QUANTIDADE	VALOR (EM Cz\$)		VARIAÇÃO
		NOVEMBRO/86	NOVEMBRO/87	
Leite	7 litros	19,35	136,13	603,52%
Pão	6 quilos	43,20	282,96	555%
Carne	6 quilos	201,12	1038,36	416,25%
Arroz	3 quilos	25,68	68,09	169%
Manteiga	750 gramas	34,23	147,50	330,91%
Açúcar	3 quilos	11,97	73,74	516,04%
Salário	Mínimo*	804,00	3000,00	273,1%

Fonte: Dieese

*No final do ano o Salário Mínimo foi elevado para Cz\$ 4.500,00, seu atual valor. Isso, porém, em pouco ou nada ameniza a penúria dos trabalhadores, uma vez que em novembro, dezembro e neste mês os preços subiram numa velocidade ainda mais assustadora que nos meses anteriores.